



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

GABRIELE PACHECO SANTOS

**EXPRESSÕES DA PSICOPATIA NA LITERATURA E
NO CINEMA**

ARIQUEMES - RO

2016

Gabriele Pacheco Santos

**EXPRESSÕES DA PSICOPATIA NA LITERATURA E
NO CINEMA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Prof. Orientador: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Gabriele Pacheco Santos

**EXPRESSÕES DA PSICOPATIA NA LITERATURA E NO
CINEMA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Prof. Orientador: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ms. Roberson Geovani Casarin
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 22 de Novembro de 2016.

Parafraseio uma de minhas autoras favoritas, J. K. Rowling, ao dedicar esse trabalho, pois este é dedicado à pessoas especiais que tanto me incentivam: a Cacia, a Donizete, a Gabriel, a Lurdes, a Mario, e a todos que me acompanharam durante essa jornada até o fim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu porto seguro, minha fortaleza, e por transmitir paz, força e alegria durante essa caminhada. Sem ele, nada disso seria possível. A Jesus, o maior exemplo de bondade, cuidado e generosidade que já tive, a luz que ilumina minha caminhada, de forma leve e calma. A Maria, querida Nossa Senhora, por ser a mulher mais bondosa, amável e Mãe.

A minha família: a minha mãe, meu maior exemplo, com sua grande bondade, perseverança e amor. Obrigada pelo imenso apoio, ajuda e conforto. Ao meu pai, aquele que sempre me incentivou, garantindo sorrisos, sendo carinhoso e lembrando-me de como sou especial. Ao meu irmão, por ser tão querido, paciente, e sempre me colocar como uma pessoa a se espelhar – mal sabe que ele é meu orgulho admirável. A minha avó, por confiar e sempre acreditar em meu potencial, por fazer parte dessa jornada e por toda calma. Ao meu amável e inteligente namorado, por me ajudar intensamente com esse TCC, sempre me apoiando e fazendo com que eu me sinta especial. Obrigada por ser uma grande inspiração, minha calma, e por ser tão amável e prestativo. Você é um anjo. A minha querida madrinha por ser uma grande incentivadora e um grande exemplo. Devo dizer que você é parte direta disso tudo.

A minha orientadora, Ana Claudia Yamashiro Arantes, por toda ajuda, incentivo, colaboração e confiança na elaboração deste trabalho. A Maila Beatriz Goellner, pela grande influência nas minhas leituras e no meu amor pela Teoria do Amadurecimento Pessoal: uma eterna professora querida que carregarei como exemplo de caráter e profissionalismo pelo resto da vida. Obrigada por toda ajuda, conselhos e carinho. A Eliane Alves Almeida Azevedo, pelo exemplo de pessoa e profissional a ser seguido. A Roberson Geovani Casarin, por ter despertado o interesse pelo tema desse TCC ainda no primeiro período da faculdade, quando falou de um de seus filmes favoritos: O Silêncio dos Inocentes, fazendo com que se tornasse um dos meus favoritos.

Aos meus pequenos, sorrisos diários, amigos, autores e todos que permaneceram comigo nessa jornada: muito obrigada. Eu não seria eu mesma, tampouco estaria onde estou se não fosse pelo amor e apoio incondicional de vocês.

“Se quieres vencer o mundo, vence a ti mesmo.”

Fiódor Dostoiévski

RESUMO

A presente monografia apresenta cinco análises cinematográficas e literárias acerca do tema Psicopatia – além de um exemplo literário que salienta a concepção de que nem todo sujeito que mata é psicopata – realizando um diagnóstico destas a partir de uma visão psicanalítica, de forma a apresentar diferentes características desses sujeitos: a apresentação da infância como etapa primordial para a constituição da psicopatia e do percurso do psicopata até a vida adulta; a constituição da imagem social que vela a psicopatia; e as diferentes expressões dessa psicopatia. A partir desta perspectiva, visa-se compreender especialmente as distintas expressões da psicopatia, a despeito da concepção comum que a compreende como uma explicação lógica do ímpeto assassino. A fim de elucidar estas temáticas, intenta-se proporcionar o vislumbre oferecido às nossas concatenações por meio de exemplos oriundos da análise de personagens na literatura e no cinema.

Palavras-chaves: Psicopatia, Winnicott, Jung, Literatura, Cinema.

ABSTRACT

This monograph presents five cinematographic and literary analyses regarding the theme of psychopathy. As well, a literary example is provided which emphasizes the concept that not every person who kills is a psychopath. A diagnosis from a psychoanalytic view is presented in order to display the different characteristics of these people and show that infancy is a key stage in the formation of psychopathy and a path to psychopathy until adulthood, and also constitutes the social image which reveals psychopathy and various expressions of this psychopathy. It is from this perspective, rather than the common conception that it is the impetus of a killer's logic. To clarify these themes, an attempt is made to provide a glimpse of the sequence of events through examples taken from literary and cinematographic character analysis.

Keywords: Psychopathy, Winnicott, Jung, Literature, Cinema

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 METODOLOGIA	13
4 REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 UMA INTRODUÇÃO AO COMPORTAMENTO PSICOPÁTICO	14
4.2 DEFINIÇÕES DA PSICOPATIA	26
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS GRANDES ESTRUTURAS DE BASE, A ANESTRUTURAÇÃO E SUAS VIZINHANÇAS.....	31
4.4 PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN: A PROBLEMÁTICA NA AUSÊNCIA DA MÃE SUFICIENTEMENTE BOA	45
4.5 O MÉDICO E O MONSTRO: A SOMBRA E A MÁSCARA SOCIAL	53
4.6 GAROTA EXEMPLAR: A <i>PERSONA</i> AMY EXEMPLAR	56
4.7 PSICOSE: A RELAÇÃO SIMBIÓTICA E O LADO PSICOPÁTICO	58
4.8 PSICOPATA AMERICANO E CRIME E CASTIGO: O OUTRO LADO DA PSICOPATIA (E DA AUSÊNCIA DELA)	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

A visão de psicopatia atualmente obtida perpassa a partir da percepção de senso comum, sendo, em sua grande maioria, uma visão estigmatizada: é comum deparar-se com descrições de pessoas que possuem uma grande maldade em si, que são cruéis, não possuem a menor empatia, e, obviamente, matam, sendo estas opiniões calcadas no imaginário e generalização deste senso comum. Contudo, a compreensão aprimorada da psicopatia conferida pela psicologia a considera além do ato de matar: há uma história, caracterizações e detalhes que fazem um psicopata levar este “título”. Faz-se importante aprimorar como um entendimento real o fato de que nem todo psicopata mata, e nem todo sujeito que mata é um psicopata, bem como as diversas maneiras deste psicopata se manifestar, justificando o presente estudo pela importância em mostrar além dos estereótipos, ressaltando as distintas expressões psicopáticas, mostrando-se relevante no sentido de contribuir com a representação teórica das diversas facetas desses sujeitos.

A literatura e o cinema podem ajudar na compreensão humana acerca do tema proposto, de modo a tornarem mais reais situações que, muitas vezes, não são apresentadas ou salientadas. Nesse sentido, esses dois meios podem ajudar o ser humano a ver além das questões generalistas. No trabalho de conclusão de curso em questão, viabiliza-se que a pessoa que, porventura, leia determinados livros ou assista determinados filmes, possa atentar a perceber como é, de fato, um psicopata: assim como pode ser um homem que mata friamente, pode dizer respeito a um poderoso empresário que sente realização em desmerecer o outro, de modo a rebaixá-lo.

Uma das visões da Psicopatia salienta que esta surge como uma tentativa de circunscrição de diversas denominações que não se enquadravam nem na Psicose e nem na Neurose, sendo uma anestruturação, nomeada por Bergeret (1991) como um estado limítrofe. Aqui, a visão estabelecida é de que a psicopatia inicia-se ainda na infância, e para elucidá-la iremos partir de duas concepções teóricas oriundas do desenvolvimento psicanalítico: a gênese da agressão oferecida pela teoria winnicottiana do desenvolvimento infantil e o manejo desta nos relacionamentos travados pelo adulto, através da teoria arquetípica junguiana.

Winnicott (2000) delimita que o ser humano possui uma fonte de agressão que é muito primitiva, estando ligada à motilidade natural da vida intrauterina. Desta forma, salienta-se que o bebê possui uma tendência inata à agressão e agressividade que se manifestará mais tarde, em relação à qual os cuidados ofertados pelos pais possuem papel fundamental na concretização e finitude dessa agressividade, na medida em que pode delinear o “objetivo” dessa agressão.

O autor apresenta a agressividade como sendo, inicialmente, natural no ser humano; a diferenciação entre suas modalidades e seu grau de patologia é dada a partir da perspectiva da finalidade desta agressão na vida do sujeito. O manejo da agressividade na infância faz com que a criança veja os pais como objetos de amor e ódio, por volta do estágio de concernimento; frente a este ataque, os pais – que devem formar o “ambiente suficientemente bom” – devem sobreviver aos ataques da criança sem retaliação. É a partir desta conduta parental que a criança irá perceber que ela ataca quem ama, e se o ambiente for bom para ela, esta poderá oferecer uma reparação aos pais. Por isso, nesse processo é de grande importância que os pais resistam à essa “agressão inata”, sempre ofertando o ambiente suficientemente bom. Espera-se que o bebê tenha esse ambiente suficientemente bom, agradável e confortável (física e psicologicamente) para o desenvolvimento saudável da criança, durante o qual a mesma precisa sentir-se cuidada e segura. Na ausência desse ambiente, a criança começa a buscar formas de compensação no exterior a partir da percepção de que perdeu algo que era bom e que não consegue encontrar oportunidades em seu ambiente para recuperar o que foi perdido (BOAMORTE, 2012). Sendo assim, a partir de uma privação afetiva oriunda do ambiente familiar inicial, a criança poderá buscar no ambiente exterior a recuperação do objeto perdido, por exemplo, por meio do furto ou de outra atitude que denota agressividade, podendo caracterizar o início do comportamento antissocial. O crime é a representação de que não houve um desenvolvimento saudável do indivíduo, podendo, na infância (muitas vezes, através de furtos) representar um pedido de socorro. É importante investigar detalhadamente a infância, que pode marcar o início da psicopatia, e até mesmo como o instinto agressivo pode ser concebido como uma manifestação secreta do ser humano, passível de ser desencadeado em determinada situação no ato psicopático.

A teoria junguiana enfatiza, ao contrário de uma compreensão genealógica, que a psicopatia deriva de uma dificuldade de manejo afetivo ao longo da vida adulta: devido à ausência de representações adequadas de parcelas da personalidade, estas

são recalçadas e, dado que inconscientes, passam a exercer uma pressão afetiva ainda mais intensa. Quer quando dizem respeito a complexos afetivos oriundos da esfera pessoal que foram recalçados ou quando dizem respeito à representações coletivas que desde sempre foram inconscientes, Jung se refere como compondo parcelas “sombrias” da personalidade. Desta feita, observa-se um arquétipo que poderia ser também relacionado à psicopatia, sendo esta uma atuação do arquétipo da Sombra. A Sombra é apresentada como a característica mais velada, resguardada e pessoal que o sujeito possui por conta da não aceitação de determinados componentes da personalidade pelas normas morais que envolvem o indivíduo perante à sociedade (BYINGTON, 2006).

Por fim, salienta que, ao falar de psicopatia, não há uma categoria psicopatológica exclusiva capaz de situá-la em um padrão diagnóstico, o que permite somente mencionar apreensões da psicopatia na análise de sujeitos que, de fato, podem diferir tremendamente entre si. Por isso se mostra tão interessante a análise destas expressões da psicopatia por meio da arte. As expressões literárias e cinematográficas aqui presentes serão objeto de um enfoque psicanalítico baseado, principalmente, nas visões de Donald Woods Winnicott, Carl Gustav Jung, Jean Bergeret e Henri Ey. O ponto de ancoragem da explanação acerca de uma personalidade psicopática baseia-se em Jean Bergeret e Henri Ey, que ofertam um modo de ordenamento geral sobre a compreensão nosológica por demarcar que a psicopatia se refere a uma ausência de estrutura de personalidade, por um estado limítrofe que se configura a partir de distintas vizinhanças a organizações de personalidade. A explicação funcional do manejo afetivo da personalidade incidirá, aqui, em alguns exemplos de casos oriundos do âmbito literário/cinematográfico que não oferecem dados a respeito da infância do personagem, mencionando apenas suas ações frente aos relacionamentos com os outros e os caracteres velados da personalidade. Nestes casos, os personagens serão submetidos a uma análise junguiana. Nos casos em que são oferecidos indícios à respeito da infância dos personagens psicopatas utiliza-se de uma leitura winnicottiana. Assim, justifica-se o amplo aspecto de análise dos personagens que elucidam, através de um enfoque psicanalítico, as diversas maneiras como a psicopatia pode se expressar no sujeito.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar representações nas quais as distintas formas de Psicopatia se manifestam através do relato de análises literárias e cinematográficas de personagens psicopatas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar a Psicopatia.
- Elucidar a gênese da aneestruturação psicopática.
- Demonstrar, por meio de relato de filmes e livros, diferentes expressões psicopáticas, relacionando a análise das personagens de filmes e livros com referenciais teóricos.
- Circunscrever a Psicopatia na perspectiva winnicottiana, a partir da explanação do papel desempenhado pelas relações faltantes de um ambiente suficientemente bom na infância.
- Delinear a relação ambígua entre o ato psicopático e o desempenho social, apreensível na perspectiva junguiana através dos conceitos de *sombra* e *persona*.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, sendo esta uma pesquisa realizada a partir de um material que já foi elaborado anteriormente por outros pesquisadores. Nesse caso, o pesquisador coleta materiais provenientes de livros, publicações periódicas ou obras acadêmicas (GIL, 2008).

Realiza-se, ainda, à título de aprofundamento conceitual no âmbito das representações estéticas, análises de livros e filmes cujo funcionamento das personagens corresponda ao tema de psicopatia, relacionando os filmes e livros com o referencial teórico pertinente.

Os bancos de dados utilizados foram: *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), livros do acervo pessoal da orientadora, e livros do acervo pessoal da acadêmica. Os descritores utilizados foram: psicopatia, sombra, persona, ambiente suficientemente bom, Bergeret, Jung, Winnicott, psicopatia em Winnicott.

A pesquisa foi realizada no período de novembro de 2015 a outubro de 2016. Os critérios de inclusão foram baseados em materiais que estivessem em consonância com o tema abordado, enquanto que os critérios de exclusão basearam-se em não utilizar materiais que não abordavam o tema apresentado.

Para a construção textual foram utilizadas 23 publicações eletrônicas, sendo elas: 17 artigos, sendo 2 em língua estrangeira (espanhol), 4 dissertações, 1 monografia, e 1 anais de congresso. Utilizou-se, ainda, 19 livros teóricos, 8 livros ficcionais; e 6 filmes. Os materiais eletrônicos são datados de 2000 a 2015, enquanto os livros teóricos são datados em edições de 1985 a 2013.

Os autores mais utilizados no trabalho em questão foram: Carl Gustav Jung e Donald Woods Winnicott, além de apontamentos pertinentes de Jean Bergeret e Henri Ey.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 UMA INTRODUÇÃO AO COMPORTAMENTO PSICOPÁTICO

Quando se fala de um sujeito frio e cruel – e isto não implica necessariamente no ato de matar –, corriqueiramente perpassa-se por conceitos e jargões teóricos difundidos no senso comum que não encontram, contudo, uma correspondência com o funcionamento da personalidade tal como elucidada teoricamente pela leitura psicanalítica. A literatura ficcional e o cinema oferecem não raras mostras de configurações de personalidades destes mesmos sujeitos frios e cruéis por meio de representações altamente criativas e brilhantemente elucidativas, afastando-se sobremaneira da compreensão superficial, o que demanda um maior aprofundamento do conhecimento tangível por estas vias de expressões estéticas, aprofundamento este factível através de uma recepção psicanalítica.

A psicopatia, embora com as diversas descobertas, visões e olhares contemporâneos, é caracterizada por uma representação malévola há muito tempo delineada. A origem do conceito “psicopatia” é proveniente do século XIX, quando o médico francês Philippe Pinel, em 1809, desenvolve o conceito *manie sans délire* (mania sem delírio) para descrever os indivíduos cujos comportamentos não continham restrições morais, cujas consequências de seus atos mostravam-se danosas para os outros. A categorização desses sujeitos era feita a partir dos atos que representassem um dano ao outro, ausência de emoções morais (como culpa) e sem a presença de delírios mentais (SEIXAS, 2014).

Pouco depois de Pinel, Esquirol encarou a psicopatia como “monomania instintiva” ou “impulsiva”, considerando-a uma anomalia do instinto. No início do século XX, Magnan e, posteriormente, Dupré, A. Delmas e Fleury descreveram uma série de caracteres e temperamentos considerados anormais, chamando os sujeitos que os possuíam de “perversos constitucionais”. Em 1923, Kraepelin cria o termo “personalidades psicopáticas” (EY; BERNARD; BRISSET, 1985). Em 1941, Hervey Cleckley publica *The Mask of Sanity* (A Máscara da Sanidade), que apresenta-se como um marco nos estudos acerca da psicopatia, garantindo uma evolução conceitual, abordando as características da psicopatia, identificando a falta de remorso ou vergonha, além da frieza emocional como características cruciais da

personalidade psicopática. Ainda historicamente, tem-se a visão de McCord e McCord que, em 1964, consideravam que psicopatas eram possuidores dos chamados déficits afetivos, ausência de compaixão e culpa, e caracterizando-os como impulsivos, agressivos e egoístas. Chama a atenção, ainda, a compreensão de Lee Robins, que, em 1978 enfatizou o comportamento agressivo como sendo persistente e precoce, influenciando a compreensão contemporânea de perturbação de personalidade antissocial. Salienta-se ainda a visão estabelecida por Robert Hare em 1991, que conceitua a psicopatia como uma psicopatologia que engloba uma grande quantidade de características da personalidade e do domínio comportamental (SEIXAS, 2014).

A partir de todos esses enquadres constituintes de psicopatia, faz-se um questionamento: o que é, de fato, psicopatia? Esta possui diversas possibilidades de compreensões e até mesmo definições. Aqui se optou por defini-la como uma anestruturação da personalidade que acomete o sujeito com grande agressividade, que pode ou não ser diretamente exteriorizada. Caracteriza-se a psicopatia a partir da visão que corresponde a uma grande fragilidade psíquica derivada da relação psíquica estabelecida entre mãe-bebê (ou da ausência de afeto e zelo, ou da demasia em tê-los), delimitando um rompimento condizente às identificações primárias do sujeito. Isto passa a originar uma incapacidade de simbolizar, tornando esses sujeitos suscetíveis à descompensações psíquicas. Os principais mecanismos de defesa utilizados por esses sujeitos são primitivos, sendo estes: intolerância à frustração, o narcisismo precário e a angústia, que derivam da perda do objeto primário de amor e identificação, sejam os pais ou outros cuidadores (CALHEIROS, 2013).

O problema está em deixar a psicopatia ao conhecimento mais raso do senso comum. Neste sentido, várias denominações acerca da psicopatia surgem, demarcando um terreno em que não é raro verificar relatos de uma possível possessão dos afetos e dominação dos comportamentos por um convite quase irresistível ao mal. Esta compreensão possui, de fato, uma correspondência com a dinâmica psíquica existente na psicopatia; segundo a compreensão junguiana a psicopatia concentra em si representações malévolas que são comumente existentes no sujeito, mas banidas de sua *psique*. Assim, para abordar tal assunto, faz-se necessária uma visão acentuada sobre as diversas facetas do mal.

Jung (2012a), em seus estudos acerca das guerras mundiais, faz uma análise da Segunda Guerra Mundial e a relação com o mal, referindo-se a uma tomada do psiquismo do povo germânico pelo furor de guerra, arquétipo do deus germânico

Wotan. Tratando-se da guerra, Jung pensou nos termos de uma possessão psíquica por afetos banidos da consciência formada pela relação entre “possuidor” e “possuído”; o “possuidor” seria Wotan, o deus germânico do enfurecimento e do ódio, ausente de sentimentos e conclamado a partir de um rebaixamento da moral nacional do povo alemão após a 1ª Guerra Mundial. Jung não pretende justificar a crueldade humana, mas usa desses termos (denominados pelo autor como “possuidor” e “possuído”) para descrever características que são pertencentes ao psiquismo do sujeito em questão. Isto é, Wotan nada mais é do que uma espécie de metáfora para mostrar o lado sombrio de cada ser humano na afirmação de que o sujeito convive com seus próprios demônios, e estes são parte de si. Nesta perspectiva, desmistifica-se o famigerado trecho de “Entre Quatro Paredes”, quando Sartre (2007 [1944]) afirma que “o inferno são os outros” – esta seria uma projeção, segundo uma análise junguiana, pois o inferno não são os outros, somos nós mesmos: assim como o homem pode ser seu paraíso, pode ser seu próprio inferno.

Jung (2012a) salienta esta imagem de Wotan como figura arquetípica do desvario que inflou coletivamente o psiquismo do povo germânico nos tempos das guerras mundiais e sinaliza o mesmo sentimento destrutivo vigente na Psicopatia, passível de ser observada até mesmo nos dias atuais.

As imagens de “possuidor” e “possuído” sugerem que o mesmo sujeito “possuído” por tal personalidade destrutiva é o que a “possui”, ou seja, no “possuidor” existem as características sombrias do sujeito – que “representam” a Psicopatia –, enquanto o “possuído” se configura como o indivíduo inicialmente “neutro”. Quando se fala de Psicopatia não há a certeza de uma neutralidade, mas aqui se configura o sujeito em sua potencialidade individualizadora, sem as características psicopáticas, porque não seria tomado pelos complexos afetivos¹ e pelos arquétipos² que os dominariam. Este indivíduo arrebatado por complexos afetivos ou arquétipos seria

¹ Complexos afetivos são imagens e ideias manifestas de modo conglomerado em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, com uma tonalidade emocional comum. Estes contribuem para o comportamento, sendo marcados pelo afeto, com o indivíduo estando ou não consciente destes. Isso constitui o termo de complexo afetivo, caracterizado por experiências emocionais com grande significado para o sujeito. Possuem uma grande utilidade na análise de sintomas neuróticos (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

² Por arquétipo compreende-se a parte que é herdada da *psique*, manifestando-se como padrões de estruturação do desempenho psicológico ligados ao instinto. Caracteriza-se como uma entidade hipotética irrepresentável em si mesma e evidente somente através de suas manifestações (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

autocentrado, ausente de empatia pelo outro, configurando uma conduta malévola (JUNG, 2012a).

A teoria junguiana possibilita refutar a visão mistificada presente no sentido estrito de psicopatia como uma exceção psicopatológica, pois, por meio dela, pode-se apreender a psicopatia como uma propensão da personalidade de ser dominada por complexos afetivos (complexo pessoal) ou por arquétipos exteriores ao ego (complexo impessoal); estes configurariam uma precipitação reativa enaltecida pela possessão afetiva ou coletiva da personalidade, apresentando-se antes de se configurar como uma patologia estática. Mas enquanto a nomenclatura arquetípica situa esta presença atemporal e coletivamente passível de ser vivenciada por quaisquer indivíduos, não demarca os casos nos quais não ocorreria tal contaminação coletiva do afeto destruidor, e desta forma, não sinaliza nem a “prevalência” da psicopatia, nem seus critérios de exclusão. Isso porque, quando restrito à esfera individual, Jung utiliza uma outra representação, mais próxima dos complexos pessoais, nomeando-a genericamente na forma de um arquétipo indiferenciado, que recebe o nome de Sombra, e esta sim torna-se a maior representatividade da conduta psicopática (JUNG, 2012a).

Franco (2006) ressalta que, na teoria junguiana, a sombra pessoal (a sombra com características do complexo afetivo, individual e diferenciada) é como o “outro” que existe no indivíduo, uma personalidade inconsciente que embaraça e envergonha por incorporar o lado negativo da personalidade, do ponto de vista da consciência; ou seja, o lado mais obscuro e não reconhecido do indivíduo. Já o conceito de sombra como arquétipo (coletivo e indiferenciado) representa a atuação do lado sombrio universal, desconsiderando o outro em suas necessidades e desejos, como é o caso do psicopata, cuja sombra é a maldade, diante de falta de empatia com o outro. Ainda sobre a conceituação de Sombra na visão junguiana, Franco (2006) afirma que quando velada, a sombra é mais perigosa, por não ser reconhecida pelo sujeito, e quanto mais consciente torna-se esse material sombrio, menos ela pode dominar a personalidade. A sombra é um componente da *psique* de base arquetípica e não pode simplesmente ser eliminada, uma vez que todos possuem uma sombra. Desta forma, a solução para a sombra não corresponde à sua eliminação ou desconsideração – uma vez que desconsiderar sua existência só a tornaria mais forte e mais passível de dominar o indivíduo. A melhor maneira de lidar com a sombra é reconhecendo-a, para que o sujeito, cada vez mais, esteja consciente de sua fúria, limitações e

características veladas por aquele que mostra ser aos outros – sua máscara social, ou *persona*.

Como o psicopata possui uma grande raiva e fúria que se manifestam através da exteriorização em ato, caberia inquirir se o que se supõe em primeira medida viger em toda a manifestação da psicopatia seria sua sombra impessoal, uma parte do arquétipo destrutivo (Wotan). Isto é, desconsiderando a existência personalista de hipótese na figura do demônio, que na perspectiva religiosa “possui” o sujeito, não seria pertinente observar que o indivíduo, na medida em que nega os complexos afetivos que compõem sua personalidade, torna-se seu próprio demônio? Pois nesta configuração mistificada e maniqueísta, o indivíduo projeta parcelas componentes de sua subjetividade, sejam elas tanto a propensão em agir para o bem quanto para o mal. Não se sabe se essa propensão ocorre por uma identificação das tendências de ação em um sujeito psicopata, que localiza exteriormente seu alvo capaz de condensar o bem e mal, instaurado de forma arrebatadora num complexo afetivo. Ao negar a conscientização dos complexos afetivos, permanecem no indivíduo que as recalca as características arquetípicas malévolas que caracterizarão sua personalidade, fundamentalmente reativa. Quando os componentes pessoais do complexo afetivo são negados e a sombra pessoal é desconhecida, permanece no sujeito apenas o complexo arquetípico impessoal que demanda uma reação imediata; esta reação se mostra na desvalorização e falta de empatia com o outro. Por isso fala-se que quando o sujeito nega a consciência ao complexo afetivo, deixando de tecer representações condizentes aos mesmos, ele se torna seu próprio demônio: porque apenas o mal impessoal e reativo passa a prevalecer em sua personalidade, sendo mais passível de uma exteriorização através de uma compulsão ao ato que caracteriza a ação do psicopata *serial killer*.

Pensar no complexo afetivo como podendo tomar parte do comportamento obscuro e ao mesmo tempo denotar a “esperança” de conscientização para o sujeito, a partir da qual ele não se tornaria compelido à realização do ato psicopático, pode parecer ambíguo, e de fato o é. Sem aliar o desconhecimento de si que compõe a parcela pessoal sombria da personalidade, o ego não seria tão facilmente tomado pela força arquetípica. Isto porque o complexo pessoal irá envolver a imagem subjetiva do indivíduo, o que Freud designava por representação (SIMANKE, 2010), e é nele que irão se manifestar duas características diferentes: a obscura e má, e as que conscientizam, favoráveis para o sujeito reconhecer componentes de si e evitar ser

tomado pela sombra, signo da inconsciência; isto só é possível quando o indivíduo reconhece seus complexos afetivos. Apenas com esse reconhecimento a personalidade se protege de ser dominada pelos arquétipos.

O sujeito que desconhece seu lado mais cruel (na medida em que nega seu complexo afetivo) pode manifestá-lo de forma compulsiva por meio de uma configuração psicopática (ato psicopático). A literatura e o cinema oferecem, dentre vários exemplos, o de Norman Bates³: um rapaz que não acreditaria em sua própria crueldade porque é reduzido a uma submissão, mas percebe a crueldade da mãe e projeta nela a sua própria crueldade. Desta feita, no ato psicopático que toma forma em sua psicopatia, o jovem é quem assume a figura materna sombria, alucinando-a e delirando a realização punitiva do desejo materno partir de uma dissociação mental no ato psicopático; à parte destes momentos, considerar-se-ia um sujeito comum e não perigoso.

Como já dito, a psicopatia vai além do ato psicopático manifesto de modo violento – sendo este ato compreendido com o sujeito que perpassa pela agressão e violência propriamente ditas –, ou das intenções simuladas egoisticamente gratificantes; ela envolve uma compreensão da personalidade calcada nos primeiros relacionamentos travados com os cuidadores, bem como uma compreensão da dinâmica afetiva da personalidade; sendo assim e considerando que tais afetos estão presentes potencialmente em qualquer indivíduo e não se apresentam de forma unívoca no psicopata, na acepção junguiana o desconhecimento da parcela sombria da personalidade tornaria o sujeito mais suscetível à “possessão” do arquétipo Sombra, que tomaria forma a partir daquilo que ignora em si, posto inconscientemente, seu “Wotan”. Wotan é apresentado ao leitor como um deus germânico que provém das florestas escuras acompanhado de seu cão, com um furor violento por onde passa, sendo formado por características de outros deuses: com Mercúrio, Wotan tem em comum a errância; com Plutão e Cronos, o domínio dos mortos; com Dionísio, o delírio em sua forma encantatória (JUNG, 2012a).

A compreensão de que a personalidade não detém em si mesma uma coesão e que a unicidade seria o propósito do processo de conscientização que Jung designa

³ BLOCH, Robert. **Psicose**. São Paulo: Editora Exilado, 1960.

HITCHCOCK. **Psicose**. Los Angeles (Califórnia), Gorman (Califórnia), Phonenix (Arizona), Fresno (Califórnia) – Estados Unidos: CIC e Universal Pictures do Brasil. 1960.

como processo de individuação, torna compreensível a identificação com as representações mais agradáveis e socialmente valorizadas, e, conseqüentemente, a projeção de componentes não reconhecidos e, portanto, obscuros de si mesmo. Esta dissociação faz com que as representações sejam concebidas de forma um tanto quanto maniqueísta. Este maniqueísmo é representado por meio da dualidade a que estamos acostumados desde a infância; os contos dos irmãos Grimm – até quando adaptados para crianças – representam isso bem. Tem-se, por exemplo, o conto da Chapeuzinho Vermelho (MACHADO 2010), que mostra a imagem da jovem que está, aparentemente, no período da pré-adolescência, caminhando até chegar na casa da avó e que encontra uma figura dual: o homem e o lobo. Desde criança há a apresentação da dualidade, não apenas de bem e mal, mas a dualidade do próprio mal: se os irmãos Grimm descreveram o Lobo Mau como um terrível animal sem sentimentos (sombra, a parte mais terrível), outrora era um homem encantador e até mesmo sedutor. Tal dualidade é apresentada de modo dissociado, maniqueísta, enquanto que tal representação se refere a uma projeção da ambigüidade presente em cada indivíduo.

Junto com o caráter sedutor, observa-se que uma parte do mal é associada à inteligência, explicando porque há a imagem dos psicopatas possuindo grande caráter de sedução: contemplado com a inteligência e capacidade de formar estratégias sobre seus atos, este agiria de modo a delimitar tais estratégias (padrão de vítimas, local, como matar, etc.). A característica intelectual presente na psicopatia é exemplificada através de personagens ficcionais, bem como Amy Dunne⁴, Hannibal Lecter⁵, Dr. Jekyll⁶, Norman Bates⁷, entre outros, sendo personagens cuja inteligência é extremamente aguçada: Amy Dunne é psicóloga, com uma formação acadêmica

⁴ A personagem Amy Dunne é uma personagem pertencente ao livro e filme homônimo chamado “Garota Exemplar”. Referência: FINCHER. **Garota Exemplar**. Cape Girardeau (Missouri), Los Angeles (Califórnia) – Estados Unidos: 20th Century Fox. 2012.

⁵ Hannibal Lecter é um personagem pertencente aos livros e filmes da quadrilogia “O Silêncio dos Inocentes”, “Hannibal”, “Dragão Vermelho” e “Hannibal – A Origem do Mal”. Referência: DEMME. **O Silêncio dos Inocentes**. Bellaire (Ohio), South Bimini Island (Bahamas), Pittsburgh (Pennsylvania), Washington (District of Columbia), Quantico (Virginia), St. Louis (Missouri), McKeesport (Pennsylvania), Memphis (Tennessee), Perryopolis (Pennsylvania), Rural Valley (Pennsylvania), Canonsburg (Pennsylvania) – EUA: Orion Pictures, 1991.

⁶ Dr. Jekyll é um personagem pertencente ao livro “O Médico e o Monstro”. Referência: STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Editora Melhoramentos, 2011.

⁷ Norman Bates é um personagem pertencente ao livro e filme homônimo chamado “Psicose”. Referência: BLOCH, Robert. **Psicose**. São Paulo: Editora Exilado, 1960. HITCHCOCK. **Psicose**. Los Angeles (Califórnia), Gorman (Califórnia), Phoenix (Arizona), Fresno (Califórnia) – Estados Unidos: CIC e Universal Pictures do Brasil. 1960.

exemplar, com destaque em várias áreas, desde o desempenho na literatura científica até a aplicação e estudo dos testes psicológicos; Hannibal Lecter é um psiquiatra com aguçada percepção quanto à psicopatologia; Jekyll é citado como um brilhante médico; e Norman Bates mostra ao leitor o quanto conhecia sobre biologia, literatura e até mesmo psicologia. A ideia de que a maldade estaria vinculada à inteligência vai além de termos técnico-profissionais, tendo ressonâncias até mesmo em representações bíblicas: Jung (2012b) faz apontamentos sobre a serpente, como o animal de Satanás, representando a instigação inteligente do mal. Na esteira dos animais representantes de mau agouro e morte, associados ao mal, pode-se citar até mesmo o conto “O Corvo⁸”, de Edgar Alla Poe, conto poético editado pela primeira vez em 1845. Na escrita, o corvo adentra nos aposentos de um viúvo e o perturba por dias, dando sinais de que nunca mais sairá dali; nas conversas que trava com o viúvo, sempre responde “nunca mais”. Aos poucos, o narrador compreende o motivo do corvo estar em seu quarto: é possível que esteja ali apenas esperando sua morte para que possa levar sua alma para o céu ou para o inferno. Isto fica explícito no seguinte trecho do conto:

E corvo aí fica; ei-lo trepado
 No branco mármore lavrado
 Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
 Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
 Um demônio sonhando. A luz caída
 O lampião sobre a ave aborrecida
 No chão espraia a triste sombra; e, fora
 Daquelas linhas funerais
 Que flutuam no chão, a minha alma que chora
 Não sai mais, nunca, nunca mais!
 (POE, 2013 [1845], p. 29)

Talvez Poe tenha escolhido tal animal de propósito, com intuito de trazer à tona a ideia de que o corvo é, segundo algumas crenças, o animal responsável por levar uma pessoa ou para o céu ou para o inferno, quando esta morrer. E talvez o corvo do conto esteja ali justamente por isso: talvez esteja apenas esperando o personagem morrer, para levá-lo para o céu ou para o inferno.

⁸ Na mitologia nórdica, o corvo é o representante de Odim (Wotan), o deus dos deus, que poderá conduzir a imagem do guerreiro para o Valhala. Wotan possui dois corvos, que são seus fieis companheiros: Hugin, um dos corvos mensageiros de Wotan, cujo nome significa “Pensamentos” e Munin (Muniu), o outro corvo mensageiro, cujo nome significa Memória (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2007).

Outro conto de Edgar Allan Poe que apresenta um animal de mau agouro ao leitor é o conto “O Gato Preto”, que conta a história de um homem bondoso e sua esposa; esta o presenteia com vários animais, incluindo um gato preto, que acaba se tornando o animal favorito do homem. Com o tempo, o comportamento do homem passa a mudar: ele começa a ficar nervoso com a esposa e maltratar os animais. Na medida e que o tempo passa, o homem passa a acreditar na superstição do gato preto, até chegar ao ponto de arrancar um olho do animal. O gato continua sendo, aparentemente, carinhoso com o dono, e o homem já irritado enforca o animal. Com o passar do tempo, o personagem só piora. Certo dia, enquanto caminhava, ele encontra outro gato preto, e, por gostar do animal, o leva pra casa, e logo o homem percebe que esse novo gato não tinha um olho. Com o tempo, o dono percebe que o gato tinha uma mancha de um patíbulo em seu peito, tornando-o mais semelhante ao antigo animal. O homem pega um machado pra matar o gato, mas a esposa entra na frente e acaba sendo morta, enquanto o gato some. O homem não se sente mal pela morte da mulher, e resolve esconder o corpo da mesma na parede. A polícia começa a investigar e o homem continua sem remorso, e, enquanto os policiais investigam, o personagem começa a falar bem sobre a estrutura da casa e bate na parede. Nesse momento, ouve-se um miado de dentro da parede, e a mesma cai: dentro, o corpo da mulher e, principalmente, o gato preto encontra-se junto à mulher, que outrora fora sua amada (POE, 2010 [1843]).

Esse conto pode levantar alguns questionamentos em relação ao animal de mau agouro: seria o animal quem mudou o comportamento do homem? Em outras palavras, seria o animal o “possuidor”, com sua obscuridade, e o homem, outrora bondoso, o “possuído”, levando-o a matar a mulher que amava e não sentir-se culpado? Segundo os indícios apresentados pelo conto ao leitor, poder-se-ia pensar que o animal seria apenas uma parte daquele homem (ou seja, a sombra), camuflada e totalmente desconhecida, e por isso projetada em uma representação externa, através de uma imagem bondosa, porém em sua configuração instintiva, não formatada socialmente; tomando parte em um componente instintivo desconhecido, seria também muito perigosa, caso sua representação não fosse compreendida e o homem atuasse socialmente apenas uma imagem unilateral de si (a bondade socialmente cativa).

Explicitar acerca do mal – e, no entretencimento aqui realizado, da psicopatia como representante deste mal – é um trabalho complexo, pois não concerne somente

às explicações psicanalíticas acerca do funcionamento desta anestruturação, mas também engloba inferências a respeito da origem deste mal. Jung (2012b) explicita que, de acordo com a mística teológica, o chamado “Maligno” existiu antes mesmo do homem como um filho de Deus, levando-o a sugerir que o mal não tem sua origem no homem. Talvez caiba dizer que o homem é seu próprio demônio, e por isso o mal que se “apossa” do mesmo não advenha de fontes externas, mas seja inerente à personalidade. Hare (1993 apud ROMERO et al., 2015) afirma que no que concerne ao psicopata, observa-se que este consegue capturar com uma grande habilidade as necessidades do outro e o faz através de sua sedução, dado o seu encanto superficial, e a maldade se insinua a partir da inteligência aplicada à busca de benefícios pessoais⁹.

Observa-se isto em vários exemplos ficcionais: a personagem Amy Dunne, de *Garota Exemplar*, consegue persuadir qualquer um com maestria. Outro personagem que possui uma grande facilidade em seduzir suas vítimas, através de um comportamento educado e simpático, é Hannibal Lecter, quando, na verdade, mata, cozinha e come suas vítimas. Em qualquer outro sujeito que não esteja representado pela psicopatia o olhar voltado para o outro poderia representar o cuidado e até mesmo uma empatia. Contudo, ao falar do psicopata é plausível afirmar uma ausência de tais sentimentos: o simples fato de ter alguém que dependa dele (como é o caso de psicopatas corporativos), em grande medida é entendido como um modo de utilizar o outro como um degrau para atingir seus objetivos e concretizar seu gozo, considerando este outro como um objeto, posto que não há uma relação empática e os vínculos são firmados com base no interesse pessoal de conseguir capturar a necessidade do outro e instigar suas ambições, aproveitar-se dela, enganando suas vítimas. Afirma-se que o psicopata estuda a sua “presa”, e não “captura” uma pessoa qualquer. Existe certo padrão – geográfico, de amostra, etc. – que faz com que determinada pessoa se enquadre mais em um perfil estabelecido (EY; BERNARD; BRISSET, 1985).

⁹ Tradução livre do seguinte trecho original: “A este respecto, no debemos olvidar que los psicópatas son unos grandes manipuladores de las demás personas, cosificándolas, es decir, utilizándolas como meros objetos – o cosas – para conseguir sus propios objetivos y/o para colmar sus caprichos psicológicos. El psicópata tiene la rara pero efectiva habilidad de captar las necesidades de los demás a través de la seducción – dado su encanto superficial –, así como de sondear y dar en el blanco con respecto a los puntos débiles de los otros (Hare, 1993).” (ROMERO et al., 2015, p. 240).

Esse ciclo psicopático de manipulação está repleto de uma retalha de mentiras, que levam o sujeito a alterar a verdade, com intuito de conseguir algo para si mesmo (GARRIDO, 2004; POZUECO, 2010 *apud* ROMERO et al., 2015)¹⁰. Isto é, o psicopata consegue trabalhar com a manipulação, sendo esta é uma ferramenta imprescindível, muitas vezes mudando até a realidade e conseguindo manipular o outro através disso. Não são raros os exemplos historicamente conhecidos, bem como o exemplo de Charles Manson, um psicopata que foi líder de uma seita religiosa, e instigou que seus seguidores cometessem diversos assassinatos¹¹ no fim dos anos 60. Manson era líder de um grupo com um estilo de vida alternativo. Apesar de não definir-se como *hippie*, era este o grupo de pessoas que o seguiam: pessoas dispostas a um estilo de vida natural e alternativo, que, teoricamente, contemplasse o bem-estar natural. No grupo, Manson rebaixava as mulheres, exaltava animais; e não haviam normas morais. Drogava os seguidores com LSD, e falava do famigerado “*Helter Skelter*”, que, em sua percepção, era a guerra entre brancos e negros. As pessoas acreditavam, enalteciam e o veneravam, acreditando que Manson era um salvador, e se ele mandasse matar alguém, assim fariam. Estas questões são mostradas no filme *Helter Skelter*, dirigido em 2004, por John Gray.

Desta forma, a psicopatia não atua com uma única faceta: pode-se caracterizar uma aparente alusão a um sujeito sedutor e adorável, que esconde suas intenções manipuladoras. Esta dinâmica ambígua é perceptível na concepção junguiana da dinâmica inerente à relação entre *sombra* e *persona*, justamente por tratar-se do lado obscuro presente em cada sujeito (no caso em questão, do psicopata) em contrapartida à figura social que este sujeito interpreta (uma pessoa benevolente, amigável e que quer o bem-estar de todos) (JUNG, 2012a).

Assim, ao falar de psicopatia, deve-se falar da dualidade da imagem: Norman Bates não é apenas o rapaz que matou Mary e que matou sua própria mãe, é a representatividade da pacificidade em seu estado aparente. O mesmo se dá com Amy, de Garota Exemplar, a esposa e filha perfeita; com Dr. Jekyll, de O Médico e o Monstro, no qual a ambiguidade faz parte da própria descrição no livro de R.L.

¹⁰ Tradução livre do seguinte trecho original: “Todo este ciclo psicopático de manipulación está repleto de una retahíla de mentiras, que utiliza como su herramienta de trabajo y que lo llevan a desvirtuar la verdad con el objetivo de conseguir algo para sí mismo (Garrido, 2004; Pozueco, 2010).” (ROMERO et al., 2015, p. 240).

¹¹ Dentre os assassinatos estão os do caso Tate-LaBianca, sendo morta Sharon Tate (esposa do diretor Roman Polanski) e quatro amigos, assassinados por Charles “Tex” Watson, Patricia Krenwinkel, Susan Atkins e Leslie Van Houten.

Stevenson. Pode-se falar que até Kevin, do livro de Lionel Shriver, possui essa dualidade, mostrando-o apenas para a mãe, quem ele mais odeia, enquanto manipula o pai para que este o veja como um tanto caricato, mas um jovem excepcional.

Cada vez mais, torna-se importante perceber a psicopatia além dos preceitos estereotipados e de senso comum (o psicopata como um sujeito que mata friamente). Pimentel (2010) aponta para uma crescente necessidade de falar da psicopatia além da conduta estereotipada, mostrando como este psicopata pode estar disfarçado como uma pessoa “comum”, porém com atitudes perversas: são os religiosos que roubam dinheiro, os políticos com falso moralismo que desferem promessas em vão, arruinando o estado emocional e o financeiro das pessoas. Enfim, o psicopata é, antes de qualquer coisa, aquele sujeito quase inócuo que pode destruir o emocional do outro sem sentir culpa ou remorso por fazê-lo. Para além da estigmatização, a psicologia visa compreender as diversas maneiras como tal aneestruturação se representa.

Jung (2012a) salienta bem esta não estigmatização da psicopatia, afirmando que a minoria dos psicopatas é, de fato, reconhecida e chega ao estopim de matar. Grande parte dos sujeitos que se enquadram nesta aneestruturação pode, corriqueiramente, serem tidos como pessoas “normais”, sendo esta normalidade uma construção ideal. Desta forma, falar de Psicopatia é uma incerteza, e tal aneestruturação é uma classificação difícil e deve ser vista de forma minuciosa.

Ao que diz respeito da representação psicopática para o profissional da psicologia, cabe salientar a importância do psicólogo ater-se ao todo, mas verificar os detalhes, pois são neles que os psicopatas se prendem. Assim, é importante estar atento às características gerais que formam o indivíduo, como fala, gesticula, se comporta, etc. Mas a grande importância está em observar aquilo que é velado, as características que um psicopata consegue esconder. Têm-se observado que os psicopatas apresentam atos hostis de violência em seu cotidiano, de forma que estas ações maldosas difusas devem ser atentadas pelo psicólogo.

Torna-se importante que, cada vez mais, a imagem do psicopata não seja vinculada apenas ao mito cinematográfico¹² – do assassino sanguinário. Isto não

¹² Tradução livre do seguinte trecho original: “La delincuencia vinculada a la enfermedad mental ha recibido el nombre de delincuencia patológica (Pozueco, 2011). El mito del loco asesino se inspira en los asesinatos, a veces brutales, pero sobre todo incomprensibles, que son realizados por los enfermos psíquicos bajo una ideación delirante (Gisbert, 2000). Un buen ejemplo del mito que estamos criticando es la conocida película *Psicosis*.” (ROMERO et al., 2015, p. 246).

significa que esta visão esteja errada, e sim que não é a única característica vinculada ao psicopata. Há, por exemplo, a visão do louco assassino que se inspira em assassinatos e comportamentos brutais. Esta visão mais “comum” existe e é retratada, mas deve-se ver também através da visão do psicopata como doença propriamente dita, desvinculada de preceitos estritamente morais ou da ação envolta em condutas delirantes (ROMERO et al., 2015).

A Psicopatia possui diversas definições e compreensões etiológicas. A perspectiva aqui adotada pretende circunscrever o entendimento da psicanálise sobre a temática, e, entremeada ao rigor formal, a fim de fornecer uma ilustração das facetas da Psicopatia, recorrendo a representações advindas do plano da estética – literatura e cinema. Para tanto, as representações do espectro da psicopatia são retiradas de análises de personagens de livros (Precisamos Falar Sobre Kevin, O Médico e o Monstro, Psicose e Crime e Castigo) e filmes (Garota Exemplar, Psicose, Precisamos Falar Sobre o Kevin e Psicopata Americano). Ao que corresponde a Crime e Castigo, faz-se uma breve análise explicativa acerca de um personagem que mata e não é psicopata. E tratando-se de Psicopata Americano, faz-se uma breve análise de um personagem que não mata e é um psicopata.

4.2 DEFINIÇÕES DA PSICOPATIA

Apesar dos diversos estudos acerca da etiologia da psicopatia ainda não há um consenso, e sim hipóteses explicativas. Existe a visão acentuadamente psicanalítica que diz respeito à, principalmente, problemas emocionais relacionados ao ambiente familiar, que podem se configurar pelos traumas provenientes desse ambiente na primeira infância, como falta de cuidado e zelo com a criança. Por outro lado, têm-se os estudos que relacionam a psicopatia com o sistema límbico – sendo este responsável pelas emoções, e menos ativado no psicopata, justificando a frieza dos indivíduos.

Nos anos 2000, o neuropsiquiatra Ricardo de Oliveira-Souza e o neurologista Jorge Moll Neto identificaram, através de ressonância magnética, as partes do cérebro ativadas quando as pessoas realizam julgamentos morais. A maior parte dos voluntários ativou uma área nomeada de *Brodmann* 10 ao responder às perguntas. Cinco anos depois, os pesquisadores repetiram o experimento com as pessoas

diagnosticadas com psicopatia e notaram que as mesmas ativavam menos esta área cerebral, levando à interpretação de que psicopatas não conseguem distinguir certo e errado com exatidão (PIMENTEL, 2010). O *Broadmann 10* possui como áreas funcionais córtex associativo pré-frontal, campos oculares frontais, e as localizações são giros frontal superior, médio, lobo frontal medial. Sua função está correlacionada a características como pensamento, cognição e planejamento do movimento (SANTOS, 2002). Del-Ben (2005) aponta o envolvimento do córtex pré-frontal no comportamento antissocial (representante da psicopatia, como será apresentado), demonstrando a redução do metabolismo em regiões frontais (o lobo frontal é formado pelo raciocínio e relações sociais), além de apontar na direção do envolvimento de regiões pré-frontais e do sistema límbico no transtorno de personalidade antissocial.

De modo geral, é complexo delimitar a origem da psicopatia por esta representar uma complexidade única do sujeito, especialmente quando se fala da agressividade inerente ao quadro psicopático. Em *Privação e Delinquência*, Winnicott (2012) oferece uma possível explicação para esta complexidade afirmando que, de todas as tendências existentes no indivíduo, a agressividade é aquela que mais se esconde: é disfarçada, velada e desviada, e por essa razão é extremamente difícil explicar sua origem, uma vez que, em grande parte dos casos, busca-se explicá-la como atribuída a agentes externos (com situações cotidianas), fazendo-se importante uma busca mais detalhada para saber sua origem.

O presente trabalho parte de uma compreensão psicanalítica da psicopatia fornecida por Bergeret (1991) que a postula como uma anestruturação da personalidade, na qual o sujeito está sempre na dependência anaclítica do outro, e permanece nos chamados estados limítrofes. Sua gênese baseia-se como um trauma desorganizador precoce sentido pela criança como uma frustração, proveniente do risco de perda do objeto de amor que oferece apoio no período inicial do desenvolvimento infantil. Esta falta ambiental mostra que o cuidado, afeto e presença que deveriam estar sendo garantidos à criança não existem, e a mesma nota isso, constituindo essa frustração proveniente da perda objetal (aqui, salienta-se esta perda objetal como a perda deste outro).

Na infância do psicopata, são criados uma espécie metafórica de fantasmas representantes de um trauma na vida da criança que passam a ser reais devido à experiência de carências afetivas graves que sinalizam um perigo arcaico, perigo este

que se prolonga durante a vida do sujeito, recaindo no mesmo o sentimento de abandono primitivo e violento (CALHEIROS, 2013).

Como já mencionado, a psicopatia passa a delimitar-se a partir de diversas caracterizações, sendo estas essenciais para que seja identificado um diagnóstico do sujeito. Existem dois manuais que definem a psicopatia, de modo a apresentar seus critérios diagnósticos, sendo estes a CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

Afirma-se que a CID-10 descreve oito tipos de transtornos específicos de personalidade: paranóide; esquizóide; antissocial; emocionalmente instável; histriônico; anancástico; ansioso; e dependente. Para esta presente monografia, chama a atenção o transtorno antissocial (que caracteriza a psicopatia), no qual prevalece a indiferença pelos sentimentos alheios. Aqui, os sujeitos adotam comportamento cruel, desprezo por normas e obrigações, têm baixa tolerância à frustração e baixo limiar para descarga de atos violentos. É importante investigar diferentes momentos da vida do sujeito para perceber as características aqui apresentadas (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

A psicopatia é apresentada como transtorno mental e de comportamento, categorizada na CID-10 como transtorno de personalidade (F60.2), sendo este um transtorno de personalidade dissocial/antissocial (F60.2), havendo uma perturbação grave da constituição caracterológica e das tendências comportamentais do sujeito. Esta perturbação não é, necessariamente, imputável a uma doença, lesão ou afecção cerebral, ou a algum transtorno psiquiátrico, mas anomalias do desenvolvimento psíquico, consideradas pela área forense como perturbação da saúde mental, sendo um transtorno que envolve diversas áreas da personalidade associadas à ruptura pessoal e social. Os transtornos de personalidade (TP) constituem a desarmonia afetiva e da excitabilidade com integração deficitária dos impulsos, atitudes e das condutas, manifestando-se no relacionamento interpessoal (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006). A CID-10 (OMS, 1993) afirma que a Psicopatia costuma advir de atenção por uma disparidade flagrante entre comportamento e normas sociais predominantes, disparidade caracterizada por:

Indiferença insensível pelos sentimentos alheios; b) atitude flagrante e persistente e irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais; c) incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los; (d) muito baixa tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo violência; (e)

incapacidade de experimentar culpa ou de aprender com a experiência, particularmente punição; (f) propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade.

Pode também haver irritabilidade persistente como um aspecto associado. Transtorno de conduta durante a infância e a adolescência, ainda que não invariavelmente presente, pode dar maior suporte ao diagnóstico (OMS, 1993, p. 199-200).

Nesta categorização da CID-10 (OMS, 1993), inclui personalidade (transtorno) amoral, dissocial, associal, psicopática e sociopática, e exclui: transtornos e conduta (F91. –) e transtornos de personalidade emocionalmente instável (F60.3).

De acordo com o DSM-5 (2013), a psicopatia é representada pelo Transtorno de Personalidade Antissocial (301.7). Sua característica essencial provém de um padrão difuso de indiferença e violação aos direitos do outro, podendo surgir na infância ou no início da adolescência, dando continuidade na fase adulta. Esse padrão já foi referido com diversas nomenclaturas: psicopatia, sociopatia ou transtorno de personalidade. Tendo em conta que falsidade e manipulação são aspectos centrais no Transtorno de Personalidade Antissocial, faz-se útil integrar informações adquiridas por meio de avaliações clínicas sistemáticas e informações coletadas de outras fontes colaterais.

Para que esse diagnóstico seja firmado, o indivíduo deve ter no mínimo 18 anos de idade (Critério B) e deve ter apresentado alguns sintomas de transtorno da conduta antes dos 15 anos (Critério C). O transtorno da conduta envolve um padrão repetitivo e persistente de comportamento em que os direitos básicos do outro ou as principais normas ou regras sociais referentes à idade são violadas. Os comportamentos específicos característicos do transtorno da conduta encaixam-se em uma de quatro categorias: agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, fraude ou roubo ou grave violação a regras. Os critérios diagnósticos para o Transtorno de Personalidade Antissocial são:

A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes: 1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção. 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal. 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro. 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas. 5. Descaso pela segurança de si ou de outros. 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações

financeiras. 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas. B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade. C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade. D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar (DSM-5, 2013, p. 659).

Ainda sobre a caracterização da psicopatia, Morana, Stone e Abdalla-Filho (2006) chamam a atenção para o psicólogo especialista em psicologia criminal e psicopatia Robert Hare, o qual afirma que os psicopatas diferem de modo fundamental dos demais criminosos. Sua pesquisa teve o objetivo de encontrar parâmetros que pudessem diferenciar a condição de psicopatia, a partir da qual ele criou um instrumento de pesquisa, a escala PCL-R, como uma espécie de inventário de 20 itens, com pontuação de zero a dois para cada item, perfazendo um total de 40 pontos. Não há uma pontuação específica, mas considera-se um psicopata por volta de 30 pontos. Esta escala foi validada por Morana no Brasil.

Os 20 elementos que compõem a escala de diagnóstico são os seguintes:

1) loquacidade/charme superficial; 2) auto-estima inflada; 3) necessidade de estimulação/tendência ao tédio; 4) mentira patológica; 5) controle/manipulação; 6) falta de remorso ou culpa; 7) afeto superficial; 8) insensibilidade/ falta de empatia; 9) estilo de vida parasitário; 10) frágil controle comportamental; 11) comportamento sexual promíscuo; 12) problemas comportamentais precoces; 13) falta de metas realísticas em longo prazo; 14) impulsividade; 15) irresponsabilidade; 16) falha em assumir responsabilidade; 17) muitos relacionamentos conjugais de curta duração; 18) delinquência juvenil; 19) revogação de liberdade condicional; e 20) versatilidade criminal (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006, p. 75).

Em *Privação e Delinquência*, Winnicott (2012) chama a atenção para os chamados distúrbios de caráter que se iniciam na infância, distúrbios estes que manifestam a tendência antissocial e podem variar, até sinalizar psicopatia, e por isso é importante observar tais comportamentos o mais cedo possível. Apesar de não ser possível generalizar, existem características comuns aos psicopatas, e uma delas é a configuração do ambiente no qual eles se encontram inseridos. O autor alude a estes comportamentos de uma forma um tanto esperançosa, não os concebendo como uma categoria estática, e por isso a importância de se averiguar tais comportamentos cada vez mais cedo, a fim de promover uma melhora no sujeito, para que não se torne delinquente e, posteriormente, psicopata.

Dentre as características essenciais que envolvem um psicopata estão o egocentrismo, a grandiloquência, o narcisismo, a autojustificação, impulsividade, falta

de inibição e comportamentos que mostram uma necessidade de poder e controle que constituem uma espécie de fórmula perfeita para os atos antissociais e criminais (HARE, 1993, 2000 apud ROMERO et al., 2015). A relação com a maior disposição de racionalização dos atos antissociais os torna mais propensos à delinquência; são responsáveis por grande parte de crimes violentos, embora não se deva reduzir o psicopata àquele que comete crimes, pois é vital verificar o pertencimento de suas características essenciais (ROMERO et al., 2015)¹³.

O psicopata, quando realiza o assassinato, o faz através do ato psicopático, que se divide em três pontos: a) a brutalidade da manifestação através da agressão, comparada a uma explosão; b) a aparência elementar da ação, que intervém por meio da pulsão; c) a frieza aparente, estando o sujeito desprovido de emoção. Ey, Bernard e Brisset (1985) destacam que a psicopatia trata-se de uma conduta em relação ao outro, de modo que este ato psicopático é dirigido ao exterior, constituindo a única via de descarga de tensão interior.

Esse ato psicopático nem sempre é manifesto em todos os psicopatas, por concretizar o assassinato ou a tortura. Contudo, as características maldosas e a natureza da angústia que as motiva, bem como o baixo limiar de sua tolerância, são pontos que devem ser observados nesses sujeitos.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS GRANDES ESTRUTURAS DE BASE, A ANESTRUTURAÇÃO E SUAS VIZINHANÇAS

Embora nem todas as análises aqui presentes permeiem uma explicação etiológica da psicopatia, calcadas em uma base infantil – uma vez que algumas histórias não relatam sobre a infância do sujeito –, faz-se importante situar a noção de Jean Bergeret de que a psicopatia seria “formada” na infância. Isto porque autores como Jung e Winnicott fornecem uma base teórica difundidas em meio à compreensões diversas e que ressaltam características funcionais: Winnicott

¹³ Tradução livre do seguinte trecho original: “Los rasgos esenciales que definen la psicopatía – egocentrismo, grandilocuencia, narcisismo, autojustificación, impulsividad, falta general de inhibiciones comportamentales y necesidad de poder y control – constituyen, según señala Hare (1993, 2000), la fórmula perfecta para los actos antisociales y criminales. Visto así, podría decirse que los psicópatas presentan, en esencia y por sus rasgos defnitorios, una mayor propensión que las demás personas a la realización de actos antisociales y/o que, en definitiva, son unos candidatos perfectos para delinquir.” (ROMERO et al., 2015, p. 235).

compreende a psicopatia com tendo início na infância em meio às relações com os primeiros cuidadores, enquanto Jung enfatiza a relação entre a persona (máscara social) e a sombra (características inconscientes da personalidade) e a ausência de uma conscientização de parcelas representativas da *psique* total ao longo da vida adulta. Desta forma, esses autores oferecem bases dinâmico-funcionais para a análise da psicopatia, enquanto Bergeret pretende oferecer explicações sobre a gênese por meio da noção de estrutura de personalidade, que aqui será objeto de enfoque.

Para que possa ter uma maior compreensão sobre o que significa dizer que a psicopatia é uma anestrutura – como foi feito *en passant* ao longo do trabalho –, faz-se necessário compreender o que Bergeret afirma sobre as estruturas de personalidade propriamente ditas (Neurose e Psicose), ao que é dado seguimento com a compreensão do autor sobre estas.

Bergeret (1991) afirma que a noção sobre o que é estrutura de personalidade define-se como um conjunto que abarca elementos metapsicológicos profundos e fundamentais que não podem ser decompostos, sendo percebido de modo global pelo indivíduo devido à significação que tem para o mesmo, estando fixos em um conjunto estável e definitivo. Define-se estrutura de personalidade, então, como um modo de organização permanente mais profundo do indivíduo, resultado de uma “cristalização”, a partir do qual se desenrolam os ordenamentos funcionais ditos como “normais” para determinado sujeito. Contudo, apesar de compor um conjunto estável, essas estruturas fixas do sujeito podem não ser a regra; por isso a psicopatia vai ser demarcada por Bergeret como uma ausência de estruturação fixa da personalidade – uma anestrutura, portanto –, que pode se apresentar de formas distintas dependendo das vizinhanças que estabelece com outras estruturas de personalidade, de modo a apresentar traços específicos, que se verá a diante.

De forma geral, Bergeret concebe a existência de duas grandes estruturas de personalidade: a neurótica e a psicótica. Ao aprofundar-se acerca da estrutura psicótica, Bergeret (1991) delimita que a mesma parte de um nível de frustrações muito precoces, originando-se, primordialmente, em relação frente ao âmbito materno, o que faz com que se torne importante, numa perspectiva psicanalítica, investigar a infância do sujeito. O indivíduo com tal estrutura possui um ego que sofreu sérias fixações nas zonas erógenas primitivas, de forma que o ego permanece bloqueado,

ou regressa em seguida a este nível de fixação: ou a fase oral ou a primeira parte da fase anal.

Acerca da estrutura psicótica, Bergeret (1991) faz apontamentos que são pertinentes para a observação na infância do sujeito:

A estrutura psicótica corresponde a uma falência da organização narcísica primária dos primeiros instantes da vida. É uma impossibilidade, para a criança, ser considerada como objeto distinto da "mãe-sujeito", personalidade, ela mesma, incompleta, não podendo conceber separar-se desta parte indispensável ao seu próprio ego. E isto produz-se, seguramente, com a cumplicidade mais ou menos ativa do pai (quando existir a título verdadeiramente significativo, o que longe está de representar a situação habitual). Esta relação mais ou menos fusional com a mãe, segundo as variedades de psicose, encontrar-se - á, a seguir, incessantemente repetida no plano interpessoal; uma verdadeira relação objetal não é empreendível sob o modo genital, obviamente, e nem mesmo segundo o modo anaclítico, apesar deste ser menos exigente (BERGERET, 1991, p. 70-72).

Observa-se que a psicose é caracterizada por uma falência da organização narcísica primária¹⁴, sendo esta proveniente do olhar do cuidador para com a criança; a aceitação e prazer da criança consigo mesma irá depender do modo como o outro olha pra ela, delimitando-se aos primeiros instantes de vida do sujeito. Tal estrutura manifesta-se como uma impossibilidade para a criança de ser considerada como um objeto distinto da "mãe-sujeito", tornando-a extremamente dependente da mãe, sempre buscando o olhar e aprovação materna, fazendo com que personalidade desse sujeito se torne incompleta, já que não pode se separar desta parte indispensável ao seu próprio ego, tomando parte em uma relação fusional, a partir de uma relação anaclítica¹⁵. Essa relação fusional do bebê com personalidade incompleta remete ao que Winnicott (2013b) chama de Não-Eu, aqui representado pela fusão narcísica do bebê com o objeto materno. O autor, ao explanar sobre a relação entre mãe e filho afirma que, de fato, estes são como um só no início da vida do bebê, mas isto não pode ser prolongado pela vida, uma vez que a mãe deve ajudar

¹⁴ A perspectiva do narcisismo primário pode corresponder a uma fase comum do desenvolvimento sexual humano, na qual o *self* é o objeto libidinal nesta fase, que ocorre entre o primeiro autoerotismo e o amor objetal. O investimento libidinal do Eu remete para a ação positiva e unificante do narcisismo a partir do autoerotismo, sendo responsável pela passagem do autoerotismo ao estágio em que o Eu é vivido e apreendido na sua totalidade, importante para a formação do sujeito (GREGÓRIO, 2012).

¹⁵ A relação anaclítica com o objeto de manifesta através de uma constante dependência do olhar do outro, sendo este outro justamente o objeto "perdido" e representado principalmente pela mãe. Isto significa que a criança perdeu o olhar objetal e agora precisa desse olhar anaclítico voltado para ela, garantindo um caráter de dependência (BERGERET, 1991).

o filho a se tornar autônomo, para que este assim se sinta como um sujeito à parte dela.

Dentre as estruturas psicóticas, encontram-se, segundo Bergeret, novas delimitações estruturais, bem como a estrutura esquizofrênica, estrutura paranoica e estrutura melancólica. A estrutura esquizofrênica ocupa a posição mais regressiva, tanto do ponto de vista da evolução libidinal – na concepção freudiana, esta é vista a pulsão sexual investida no objeto externo –, quanto do desenvolvimento do ego¹⁶, estando diretamente relacionada ao núcleo familiar e a fatores socioculturais presentes na vida do sujeito. A estrutura paranoica ocupa a posição menos regressiva no plano de evolução libidinal, defendendo-se contra seus desejos passivos dirigidos à mãe e, secundariamente, ao pai, sendo os pais dos sujeitos “casais introvertidos”, possuindo uma aparência de dominação paterna que mascara a autoridade real da mãe. A estrutura melancólica ocupa uma posição intermediária entre a estrutura esquizofrênica e a estrutura paranoica, e o sujeito procura reencontrar o caminho do objeto perdido e introjetado (BERGERET, 1991).

No que corresponde à estrutura neurótica, observa-se que esta é caracterizada, essencialmente, pela organização de personalidade através do primado genital, momento em que o conflito dessa estrutura situa-se entre o superego (a parte moral da *psique*) e as pulsões (o impulso interno) que se desenrolam dentro do ego, que encontra-se completo no sujeito neurótico – embora possa permanecer distorcido em níveis de funcionamento, seja pelas dificuldades que aconteceram por ocasião do Édipo ou seja em virtude de fixações pré-genitais que perturbem a elaboração genital mais tardia, já que essas fixações são causadas por uma alternância de gratificações e frustrações incomuns (BERGERET, 1991). O autor afirma que existe uma angústia que se caracteriza a partir do perigo de fragmentação, e diz respeito à ameaça de castração – medo inconsciente da perda –, especificando a linhagem neurótica.

Na estrutura neurótica encontram-se as estruturas obsessiva e histérica. A estrutura obsessiva apresenta-se como a estrutura mais regressiva no plano libidinal, sendo o resultado do conflito entre *eros* (instinto de vida) e *tanatos* (instinto de morte), bem como entre ego e seu objeto. A estrutura obsessiva não consegue conceber

¹⁶ A concepção que tem-se sobre ego corresponde ao impulso para dominar, integrar e dar sentido à experiência do indivíduo. Como uma função organizadora ou sintética o ego possui uma natureza estrutural, equivalente ao que a pessoa pensa de si mesma através e uma visão auto-reflexiva (própria) em vários momentos de sua existência (BRANCO, 2003).

produtos perversos, não autorizando qualquer traço de satisfação direta, e não “foge” do plano da realidade¹⁷. Já a estrutura histérica possui como principal característica o comportamento proveniente do componente erótico, estando presente nas relações com o outro, sendo estas sempre determinantes em virtude da caracterização do histérico. Seus investimentos objetivos são móveis, variados e múltiplos, havendo os mecanismos de recalçamento presentes. Esta se divide entre estrutura histérica de angústia, sendo mais regressiva na questão libidinal, sendo que a angústia corresponde à castração, e a estrutura histérica de conversão, caracterizada pela conversão somática do sujeito (BERGERET, 1991)

A diante, serão apresentados dois casos envolvendo neurose, a partir dos quais se pode apreender melhor sua dinâmica superegóica, na forma dos personagens de Dr. Henry Jekyll, de O Médico e o Monstro, e de Ródion Raskólnikov, de Crime e Castigo. Ey, Bernard e Brisset (1985) apontam que a vizinhança com o tipo neurótico corresponde a uma busca de sofrimento interno e culpa.

Embora Bergeret viabilize a perversão como um ordenamento de anestruturação, é digno de nota a existência de compreensões que a situam esta como tomando parte em uma estrutura própria, por exemplo, como indica Piera Aulagnier-Spairani (2003 [1967]). Nesta acepção, a referida autora examina o perverso como um sujeito que forja o “horror” que surge quando ele é confrontado na realidade com a diferença dos sexos. Isto se lhe apresenta como a confirmação de estar condenado a perder o objeto do desejo e instrumento do prazer (falo), no lugar em que poderia ter garantido seu estatuto como sujeito desejante (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003).

De modo geral, seguimos no presente trabalho a compreensão de Bergeret (1991) que visa a psicopatia como uma anestrutura. A fim de situar a noção de estrutura de personalidade, Bergeret parte dos trabalhos desenvolvidos por K. Abraham quanto ao desenvolvimento das fases da libido; este autor situa a chamada "*divided line*" (que representa o Complexo de Édipo) como linha divisória que age como fronteira para as fixações psicóticas e neuróticas. Para explicitar este quadro geral correspondente às possibilidades de estruturação da personalidade, Bergeret se utiliza de um quadro de diferenciação entre psicose, estados limítrofes e neurose.

¹⁷ Estas características a diferem de uma anestruturação, que muitas vezes irá buscar essa realização na satisfação direta (BERGERET, 1991).

Para a presente monografia não se faz necessária a explanação aprofundada destas possibilidades de desenvolvimento, pelo foco do trabalho ser a psicopatia. Para fim de curiosidade, o esquema geral da psicogênese do sujeito (que aqui foi adaptado) encontra-se como anexo no presente trabalho. De todo o modo, apresentamos e utilizamos aqui uma adaptação da tabela encontrada em Bergeret no quadro a seguir:

Estrutura / Anestruturação	Características	Sintomas	Angústia	Relação do Objeto	Principais Defesas
Psicose	Primitiva, a partir de uma relação mãe-bebê	Despersonalização; Delírio	De fragmentação	Fusional	Recusa; Desdobramento do Ego
Estado limítrofe	Formação antes do <i>divided line</i> (Complexo de Édipo)	Depressão	Da perda de objeto	Anaclítica	Desdobramento das imagens; Forclusão
Neurose	Formação após o Complexo de Édipo e integra-se o Superego	Sinais obsessivos e histéricos	De castração	Genital	Recalcamento

Fonte original: (BERGERET, 1996); (BERGERET, 2004).

Quadro 1 – Adaptação da imagem do esquema geral da psicogênese do sujeito proposta por K. Abraham e do quadro de diferenciação entre psicose, estados limítrofes e neurose.

Para a presente monografia, delimitam-se como importantes os ordenamentos prévios à *divided line* (linha de divisão), como será explicado. Se o sujeito possui um bom desenvolvimento psíquico, sem frustrações, ele chegará à uma personalidade saudável, podendo constituir-se, em casos de descompensação psíquica, como neurótico. Porém, a ancoragem desse trabalho como ordenamento da psicopatia mostra que neste caso há uma problematização primitiva da experiência do sujeito, anterior ao Complexo de Édipo, nos estágios mais primitivos do desenvolvimento libidinal que podem levar a uma constituição de uma psicose ou de uma psicopatia. A vizinhança psicótica com a psicopatia é apontada por Ey, Bernard e Brisset (1985) da seguinte maneira: esta psicopatia será desencadeada na adolescência ou fase adulta, prefácio de uma evolução esquizofrênica ou “cicatrização” da psicose infantil fixa. Desde modo, a vizinhança parte de uma estrutura psicótica já constituída no sujeito, onde o mesmo terá um comportamento impulsivo através da psicopatia. Mais a diante, será mostrado um caso de uma constituição psicótica abarcada também pela

psicopatia proveniente na fase de rumo ao Complexo de Édipo. Esse caso será do personagem Norman Bates, de *Psicose*.

O Complexo de Édipo (e, conseqüentemente, a fase fálica, a latência e a fase genital) bem estruturado inexistente no psicopata, uma vez que já na fase fálica (posterior à fase anal e a linha divisória, que marca o Complexo de Édipo), a criança começa a formar o Superego, e este se encontra fragmentado no psicopata, que não regula seu comportamento por normas e preceitos morais. O psicopata não vivencia o Complexo de Édipo, pois é nele que a criança pode elaborar a perda materna para um terceiro; quando não bem resolvido, esse trauma da perda pode representar a psicopatia em uma eterna busca do olhar do outro, como será visto.

A partir do ponto de ancoragem deste trabalho, a compreensão da psicopatia como uma aneestruturação, cabe situar a visão de Bergeret (1991) de que a psicopatia surge a partir de um desenquadre e de uma ausência de estruturação específica da personalidade, o que faz com que o autor a situe dentre as chamadas aneestruturações. As estruturas de personalidade até então conhecidas eram *Psicose* e *Neurose*, e a partir disso várias denominações, como a *Psicopatia*, foram classificadas em uma nova categoria nomeada por aneestruturação, sendo esta representada por um estado limítrofe. Nessa perspectiva, é possível que a psicopatia se mostre a partir de organizações diversas dependendo das vizinhanças em que ela estabelecer com a *Neurose*, *Psicose*, ou com outra organização aneestrutural, como a *Perversão*, além de outras vizinhanças como *Sociopatia*, e o *Serial Killer* – o psicopata tal como compreendido usualmente em seu ímpeto assassino.

A aneestruturação manifesta-se como uma ausência de estrutura fixa, quando o ego não se encontra de forma ordenada, mas orientado num estado provisório, embora este possa se prolongar no tempo. Contudo, pode-se haver transformações através de modificações do sujeito estrutural e do aneestrutural, uma vez que Vaisberg e Machado (2000) notam que as estruturas, descritas como fixas, podem ser mantidas, mas seu funcionamento pode ter transformado, o que explicaria as inúmeras vizinhanças correspondentes em casos estruturais-aneestruturais. Por outro lado, percebem que, embora os estados limítrofes (aneestruturação) não sejam fixos, podem ser transformados, chegando a se estruturarem verdadeiramente. Para que esses estados cheguem a se estruturar, de fato, compreende-se que isto provém de um trauma muito precoce da perda objetal, que passa a ser desferido ao outro como uma necessidade de ser visto. Para tal estruturação, percebe-se que a relação inicial,

desde os primeiros momentos de vida do sujeito, não foi favorável e nem fusional, tornando impossível o desenvolvimento de uma psicose, tampouco uma neurose.

Aqui, o sujeito encontra-se na dependência anaclítica do outro e permanece no chamado estado limítrofe, precisando sempre do afeto e do olhar do outro. Sedeu (2013) aponta que os estados limítrofes representam diversas patologias não classificadas, nomeadas como pré-psicóticas, parapsicóticas, esquizoides, mistas, polimorfas, neuroses pseudopsicóticas, além da perversão e psicopatia.

A anestruturação é extremamente polimorfa, por isso a própria psicopatia possui diversas caracterizações e maneiras de se manifestar. O sujeito anaclítico possui a necessidade em ser amado por ambos os pais, fazendo-se necessário apoiar-se no interlocutor, tanto em espera passiva e demanda de satisfações positivas, quanto em manipulações mais agressivas. A relação de objeto anaclítico constitui uma relação de grande dependência que permanece vívida e jogada a dois, mas de maneira diferente da relação fusional do psicótico com sua mãe, pois aqui a dependência é do sujeito com o objeto (BERGERET, 1991). Tais características delimitam o próprio aspecto da Psicopatia diante do olhar refletido através da teoria winnicottiana, uma vez que esta ressalta a importância do afeto e ao olhar do outro (inicialmente, representado pela mãe suficientemente boa), de forma que a psicopatia tem como uma de suas possibilidades diagnósticas um estado anterior de ausência do afeto e olhar maternos.

Bergeret (1991) afirma que os estados limítrofes comumente se manifestam rumo ao Édipo, mas antes de seu início (cerca dos três anos de idade). Nesse caso, diz-se que o sujeito superou sem grandes frustrações e fixações esse momento inicial que surge quando as relações iniciais e precoces são desenvolvidas de maneira ruim com a mãe e poderiam caracterizar uma pré-organização psicótica. Esse “rumo ao Édipo” é percebido pela criança como uma perda objetal (da mãe), não podendo vivenciar essa relação triangular de modo saudável, fazendo com que, no lugar do Édipo, a criança vivencie uma pseudolatência precoce, fazendo com que o Ego dessa criança não se estruture da maneira adequada; isso é sentido pelo sujeito como uma frustração viva, um trauma psíquico precoce, e um risco de perda do objeto. Vaisberg e Machado (2000) afirmam que uma vivência infantil saudável não significa que o ambiente inicial seja “perfeito”, mas sim “suficientemente bom”, de modo a não afetá-lo tão precocemente; isso faria com que o sujeito fosse marcado não pela angústia de separação (com a mãe, na vivência narcísica primária), mas pela angústia de

castração no Édipo. Como isso não ocorre no caso da criança marcada por experiências narcísicas traumáticas, quando esta vivencia a relação com um terceiro na relação com a mãe, por meio do qual se aumenta a probabilidade da perda materna, o Édipo se configura como um trauma psíquico. O resultado provém da perda objetal, configurando a organização limítrofe da personalidade. Este primeiro trauma afetivo/precoce pode se manifestar como um primeiro desorganizador da evolução do sujeito.

Na anestruturação, existe um fator narcísico inicial a ser considerado, a partir da relação objetal com a mãe, de forma que o bebê permanece na dependência anaclítica do outro, na dependência do olhar materno. Alguns desses sujeitos podem possuir uma vizinhança psicótica, e raramente neurótica – justamente pelo neurótico não buscar a satisfação direta –, mas na maior parte das vezes, dividem-se entre os verdadeiros perversos e os três ordenamentos de caracteriais: "neurose de caráter", "perversão de caráter", ou "psicose de caráter" (BERGERET, 1991). Isto explica o grande caráter perverso presente durante os atos de vários psicopatas.

Em uma perspectiva cabível à anestruturação, pode-se pensar em sujeitos que estejam diretamente ligados ao narcisismo, com uma total desconsideração por tal aspecto no outro – no caso desses sujeitos, é como se o outro não pudesse ter seus próprios caracteres narcísicos. Tratam-se de sujeitos que não tiveram o olhar inicial (garantido através do narcisismo), e por não conseguirem fazer um reparo, nem tampouco encontrar um outro que o fará (uma vez que esse outro é um ambiente faltante), passam a recorrer às satisfações diretas e incompletas, como uma maneira de “suprir” essa falta, podendo estar caracterizada desde um posicionamento de humilhar sem culpa até matar.

Por isso a psicopatia é comumente mencionada como um campo que se insere entre a psicopatologia e as condutas antissociais (criminais), sendo descrita como uma perturbação da personalidade caracterizada por indiferença afetiva, ausência de empatia ou remorso, emocionalidade superficial, impulsividade e manipulação, associados a comportamento agressivo ou antissocial, e que tem a sua expressão máxima no crime violento e na reincidência. O psicopata é um sujeito amoral, completamente incapaz de incorporar valores ou retirar proveito do processo de socialização, direcionando sua ação de acordo com o prazer imediato (AMARO, 2010).

Ey, Bernard e Brisset (1985), ao falarem da psicopatia, sugerem que esses sujeitos possuem, em sua grande maioria, famílias dissociadas ou perturbadas, e, ainda criança, o sujeito pode ter apresentado fugas precoces, impulsividade, cólera e malignidade nas primeiras relações de grupo.

Assim, ao inserir a psicopatia no âmbito da aneestruturação, percebe esta como possuindo um aspecto narcísico¹⁸ (ligado à como o outro olha para esse bebê), no decorrer do qual a criança sofre a perda objetal, estando relacionada a perda do afeto e olhar parental (em especial, da mãe, sujeito que deveria construir uma autêntica e saudável relação com o filho), gerando uma espécie de necessidade de compensação. Se outrora a criança perde o olhar da mãe, agora ela precisará desse mesmo olhar, afeto e atenção em demasia, configurando uma dependência extrema com a progenitora.

A concepção da angústia do ato psicopático é essencial para diferenciar o psicopata do sociopata, por exemplo, de modo que o psicopata não vivencia a angústia intolerável e primitiva que deve ser eliminada intermitentemente, de uma forma total, através do ato psicopático. Compreende-se por este ato psicopático quando o sujeito se utiliza da motricidade para eliminar a tensão psíquica, podendo fazer uso de ações tabu com significados concretos, tal como devorar e matar o outro friamente, sem culpar-se por isso. Nesses sujeitos, o funcionamento em relação à angústia narcísica age de modo que o psicopata sente impossibilidade de perder o objeto e o olhar desse objeto. Diferente do psicopata que precisa externalizar sua angústia através do ato psicopático, o sociopata recalca essa angústia, não necessitando desferir o ato psicopático como uma forma de eliminação total do afeto, tornando-se mais bem adaptado à sociedade (GOMES; ALMEIDA, 2010).

Nesse caso, o funcionamento em relação à angústia narcísica se dá de modo a tentar “reconquistar” o olhar perdido, uma vez que essa angústia se constitui através da impossibilidade em enxergar-se sem esse outro. O sujeito que sofre essa angústia narcísica está sofrendo a impossibilidade de ser visto pelo outro (a mãe, inicialmente), e se esta não o vê, esse sujeito também não se verá. Isto é perceptível em um caráter de ordenamento perverso, justamente por garantir uma impossibilidade do outro possuir uma boa constituição narcísica, tornando tênue a linha entre psicopatia e

¹⁸ Quanto aos cuidados iniciais é importante ressaltar que a consideração não deve ser baseada em extremos: aquele que não cuida e aquele que cuida muito, e nesta direção, Winnicott fala de cuidados suficientemente bons.

perversão, uma vez que o psicopata parte de um princípio de não garantir um bem-estar ao outro, e isto torna-se inadmissível. Muitos psicopatas possuem um ordenamento perverso, reconhecido ou não conscientemente, possuindo semelhanças: a humilhação com um funcionário, a perversidade através da crueldade do matar, a desconsideração com o outro, etc.

Embora psicopatia e perversão sejam distintas em alguns aspectos, são parecidas em outros, o que faz com que o psicopata manifeste-se, muitas vezes, com o caráter perverso. Isto porque, de certo modo, essas duas instâncias se complementam: a psicopatia age pela exteriorização da raiva contra o mundo, por outro lado, a perversão busca objetos externos compensatórios para que a perversidade aconteça. A semelhança é ainda maior, considerando que em ambas existe uma falha narcísica da constituição do ego, tornando-as anaclíticas (CALHEIROS, 2013).

Observa-se a existência de associações entre a psicopatia e a perversão, ao que Shine (2000 *apud* SEDEU, 2013) observa que a psicopatia pode fazer vizinhança tanto com a perversão (que pode enquadrar o *serial killer*), quanto também com neurose e psicose, além de com outros elementos anestruturais como sociopatia. Ey, Bernard e Brisset (1985) apontam, ainda, que muitos psicopatas podem tornar-se psicopatas crônicos ou perversos organizados, manipulando um grupo exterior que submetem o psicopata/perverso a chefe. Contudo, apesar das grandes semelhanças entre Perversão e Psicopatia, esta segunda deve ser vista além dos caracteres perversos, uma vez que a conduta perversa se encontra presente em sujeitos com uma excelente adaptação à realidade e ao social, diferente de alguns psicopatas. Apontam, ainda, para as diversas semelhanças existentes devido aos estados transitórios entre estas duas anestruturas, onde a manifestação dá-se, geralmente, através de um aspecto de violação, exibicionismo e voyeurismo. Contudo, salientam que a psicopatia deve ser vista além do caráter perverso, uma vez que o psicopata nem sempre terá essas expressões.

A organização perversa se manifesta como uma organização psíquica que enquadra aspectos particulares de violência e situa o sujeito na ordem de prazer arcaico e regressivo. Aqui, existe a negação de diferenciação de sexos, e origina uma angústia de castração, cuja fixação é exclusiva do modo de obtenção do prazer característico deste funcionamento (CALHEIROS, 2013). Na organização perversa existe o chamado ordenamento perverso, que funciona como base em um ideal de

ego narcisista, maternal e fálico (o que explicaria muitas vizinhanças da psicopatia com o perverso), sendo definida por Bergeret (1991) também como uma aneestruturação. Como não consegue reparar seu narcisismo, nem encontrar um objeto total e elaborar processos secundários eficazes, o sujeito perverso acha-se na obrigação de recorrer a satisfações incompletas, com objetos parciais e zonas erógenas parciais. Pela mesma razão, não pode deixar de obedecer às impulsões imperativas, imediatas e sem amanhã, oriundos de seu funcionamento com base no processo primário. Existem os ordenamentos caracteriais originados quando a angústia depressiva, com medo da perda objetual, pode ser rejeitada para o exterior, e permanecer bem durável: há a “neurose de caráter”, a “psicose de caráter” e a “perversão de caráter”. As “neuroses de caráter” não se sucedem a um conflito edipiano, por não conseguirem vivenciá-lo de modo organizado, sendo doenças da relação. A angústia permanece pré-depressiva, proveniente da perda objetual, e não da castração. As “psicoses de caráter” mostram dificuldade em contato com a realidade, sendo caracterizadas por consequência do duplo funcionamento – o registro real e o anaclítico – e em consequência do desenvolvimento das projeções para o exterior. Já a “perversão de caráter” (nomenclatura a qual Bergeret insere a psicopatia) se caracteriza por perversos acometidos por perversidade propriamente dita. Nesse caso, faz-se uma negação do sexo feminino, como no caso das perversões. A negação das “perversões” de caráter se referem unicamente ao direito dos outros de terem um narcisismo todo seu: para esses sujeitos, o outro não pode possuir interesse próprio e investimentos em outras direções. Nessa perspectiva, todo objeto relacional pode servir apenas para assegurar e completar o narcisismo falho do “perverso” de caráter, que possui como uma das principais características a necessidade de eliminar a pulsão em outro objeto parcial (BERGERET, 1991).

Contudo, não se pode afirmar que todo psicopata é perverso, devido ao fato de que o sujeito com a conduta perversa é mais adaptado à realidade e às condições sociais, embora sejam sujeitos com ordenamentos parecidos (EY; BERNARD; BRISSET, 1985), mas pode constituir uma vizinhança no sujeito, obtendo o desejo de denegrir a imagem do outro com intuito de uma obtenção do gozo através desse ato, de modo que não haverá uma angústia do sujeito ao fazê-lo.

Adiantamos que a psicopatia com vizinhança perversa será aqui mais adiante exemplificada na análise da personagem Amy Dunne, de *Garota Exemplar*. Além disso, Norman Bates, de *Psicose*, também possui algumas características perversas

que serão apresentadas, embora se sobreponha uma vizinhança com a psicose. Apresenta-se ainda, através da vizinhança perversa, o caso de Kevin, de Precisamos Falar Sobre o Kevin.

A grande confusão entre os psicopatas e perversos se dá porque alguns deles se situam como *serial killers*, embora com motivações distintas para o crime. Sedeu (2013) afirma que a expressão *serial killer* foi aplicada nos anos 70 por Robert K. Ressler, um agente aposentado do FBI. Uma das definições mais utilizadas provém do Manual de Classificação de Crimes do FBI (1992 *apud* SEDEU, 2013), que caracteriza um assassinato serial quando ocorrem três ou mais eventos separados em três ou mais locais separados, havendo um período de pausa emocional entre os homicídios. Assim, é esta lacuna de tempo existente entre os crimes que irá diferenciar o assassinato serial do assassinato de massa (*mass murder*, quando o indivíduo mata várias pessoas em um mesmo local durante um único crime, podendo durar algumas horas). Sedeu (2013) classifica os *serial killers* em quatro categorias:

1. Visionários, sendo psicóticos, insensatos, com características como ouvir vozes que mandam cometer os homicídios, podendo também haver alucinações visuais;
2. Missionários, que optam por matar pessoas de um determinado tipo (prostitutas, homossexuais, negros etc.) com a explicação de "livrar o mundo" dos sujeitos que o *serial killer* considera indignos e imorais;
3. Emotivos, são sujeitos que matam por diversão, caracterizando-se como sádicos e cruéis;
4. Libertinos, sendo assassinos sexuais que sentem prazer com o sofrimento da vítima quando esta fica sob tortura, mutilação ou morte (quanto mais intenso o sofrimento, maior o prazer sexual que sentem). Pode-se classificar aqui os canibais e os necrófilos.

Enquadrada como Transtorno de Personalidade Antissocial, existe ainda, a Sociopatia, que pode representar uma vizinhança da Psicopatia. A sociopatia é manifesta em um sujeito que insurge contra as regras sociais, valores vigentes, são violentos, perversos, podendo praticar crimes. Nesse caso, há um conceito deficiente de superego, uma vez que não há o controle pulsional e moral (SUECKER, 2005). Entretanto, como já mencionado, o sociopata recalca essa angústia, se satisfazendo apenas através da observação.

Gomes e Almeida (2010) afirmam que embora compartilhem de sintomas semelhantes, a psicopatia apresenta características que não encontram-se presentes

no sociopata (bem como o próprio ato de matar). Tanto psicopatas quanto sociopatas são sujeitos antissociais, mas nem todo sociopata é psicopata, justamente devido à ausência de angústia que demanda uma eliminação pelo o ato psicopático, presente somente no psicopata e que pode ser representada através do matar. Na sociopatia, como o ato psicopático está ausente, estes sujeitos se tornam mais bem adaptados ao social, mesmo que isto não os ausente de características cruéis, como o desprezo. Ou seja, o sociopata difere de muitos psicopatas justamente por não realizar o ato assassino. Isso não significa que o sociopata não pense em matar, significa que sua angústia volta-se para a observação da inferioridade do outro, e não o ato em si.

Com isso, pode-se definir que o psicopata vai além das características perversas do matar, apresenta a angústia que demanda por eliminação através do ato psicopático, sempre afetando o outro, direta ou indiretamente¹⁹.

Correspondente à sociopatia, encontra-se aqui uma análise cuja vizinhança é sociopática, correspondendo ao personagem Patrick Bateman, de Psicopata Americano.

Ey, Bernard e Brisset (1985) apontam para mais duas vizinhanças do psicopata, que aqui não serão exploradas, sendo estas a epilepsia, representando crises convulsivas e incontestáveis no psicopata, e a delinquência infanto-juvenil, geralmente associados à fuga, perambulação e precocidade sexual.

A partir das diversas explicações correspondentes às estruturas e anestruturações, além dos pontos já salientados acerca da teoria junguiana e winnicottiana, apresentam-se as seguintes análises de casos oriundos da literatura e cinema, de modo a realizá-las a partir do paradigma psicanalítico vigente. Para tais, um questionamento sobre o sujeito manifestar ou não uma sociopatia sempre deve conter reflexões baseadas na natureza da angústia no sujeito, e a necessidade dela ser eliminada através de um ato psicopático.

¹⁹ Os sujeitos dos estados limítrofes possuem um ego que tenta sair da dominação, da submissão, da passividade em que se encontra, a qual o caráter pulsional sustenta a repetição e se apresenta como uma força em oposição ao princípio do prazer. São sujeitos em que o há o aumento de desprazer, mas ela está a serviço do princípio de prazer, pois a captura e o enlaçamento das moções pulsionais são um ato preparatório que assegura a soberania do princípio do prazer (ZIDAN; DA ROCHA, 2014). Essa pulsão precisa ser externalizada, mas não, necessariamente, matando, e sim afetando o outro.

4.4 PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN: A PROBLEMÁTICA NA AUSÊNCIA DA MÃE SUFICIENTEMENTE BOA

A Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott tem a intenção de explicar como seria o desenvolvimento saudável do sujeito, perpassando estágios como dependência absoluta (quando o bebê depende completamente dos cuidados maternos). Aqui, a mãe se orienta para tornar real aquilo que o bebê quer ver, uma vez que a criança depende da mãe para fazê-lo, já que possui uma ideia subjetiva dos objetos. Já na dependência relativa (quando a mãe tem o cuidado, consegue iniciar o processo de “separação” do bebê, sem que ele se sinta tão afetado), o objeto passa a ser percebido de modo objetivo, estando a mãe disposta para ajudar o bebê a tornar-se potente, gerando uma fase de confiança. Posteriormente, o bebê começa a ser mais autônomo, de modo a encontrar-se “sozinho” na presença do outro, uma vez que deixa de ter uma necessidade tão grande deste. À frente, percebe-se que, se no início, era que se encarregava de todas as atividades do bebê, agora este é um papel da própria, que continua descobrindo o mundo através de seu olhar, uma vez que houve uma ajuda positiva da mãe para garantir essa autonomia²⁰ (DUHALDE, 2011). O concernimento manifesta-se quando a criança consegue amar e odiar os pais de forma saudável, sendo aqui o ambiente de grande importância para que não retalie a criança. Falhas nessa linha do amadurecimento podem resultar em traumas, e até mesmo em uma psicopatia.

No livro *Precisamos Falar Sobre o Kevin*, a autora Lionel Shriver aponta diversas questões sobre a psicopatia que podem ser observadas à luz da teoria

²⁰ Tradução livre do seguinte trecho original: “En una primera fase, la madre se orienta a hacer real lo que el niño está dispuesto a encontrar porque la visión que el niño tiene del objeto es subjetiva. La segunda fase, en la que el objeto es repudiado, aceptado y percibido en forma objetiva, requiere una figura materna que pueda participar y devolver lo que se ofrece, generando un estado de confianza e intimidad. La madre aquí oscila en un “ir y venir”, desdoblándose entre ser lo que el niño tiene la capacidad de encontrar, y alternativamente ser ella misma, a la espera de que la encuentren. De este modo, le permite al niño vivir una experiencia de omnipotencia, cuyos procesos intrapsíquicos se basan en la conjunción de los mismos con el dominio de lo real, con el dominio de objetos reales. Se constituye así un campo de juego intermedio, espacio potencial de unión entre la madre y el hijo, también caracterizado por su precariedad. La tercera fase consiste en encontrarse solo - jugar solo -, en presencia de alguien, posibilitado por el supuesto de que la persona digna de confianza se encuentra cerca, en presencia, o, en su ausencia, recordándola después de haberla olvidado. La cuarta fase, consiste en permitir una superposición de dos zonas de juego. Si al comienzo es la madre quien juega con el bebé cuidando de encajar en sus actividades lúdicas, tarde o temprano ella introduce su propio modo de jugar descubriendo en el bebé la aceptación o el rechazo.” (DUHALDE et al., 2011, p. 242-243).

winnicottiana: Kevin Khatchadourian, protagonista do livro em questão, é um garoto de 16 anos e autor de uma chacina que liquidou sete colegas, uma professora e um servente no ginásio da escola em que estudava em Nova York. O livro é construído a partir de cartas escritas pela mãe de Kevin, Eva, enviadas ao marido Franklin (que nesta altura já está morto) após o ocorrido. A partir das cartas, é possível observar desde as condições em que a mãe se encontrava durante a gravidez (sendo Eva uma mulher independente que não tinha, primordialmente, o sonho de ser mãe, e sim o sonho de viajar pelo mundo), até mesmo como era o tratamento que Kevin recebia pelos cuidados maternos.

Uma das principais pontuações que pode ser levantada a partir do livro diz respeito à desvinculação da relação necessária entre a violência desferida pelo cuidado parental e a psicopatia: no caso de Kevin, a mãe mesma salienta que o mesmo nunca apanhou, o que denota que a “iniciação” de uma psicopatia vai muito além de um castigo físico na infância. É preponderante, como uma das causas, a ausência de afeto materno – aspecto vigente no livro.

Esta ausência afetiva se mostra na consideração que os cuidadores têm para com a criança, e o livro a apresenta, dentre outros momentos, o perigo em falar coisas maldosas para uma criança, achando que ela não está entendendo ou até mesmo sentindo. De modo geral, o ambiente em que Kevin nasceu e viveu não foi um ambiente suficientemente bom, uma vez que, apesar dos esforços maternos em acalmar o bebê, os desejos e impulsos narcisistas da mãe eram, algumas vezes, maiores do que os cuidados que deveriam ser ofertados. Primeiramente, Eva não desenvolveu o estágio de Preocupação Materna Primária: era uma mulher que começava a ser uma empresária de sucesso e tinha por sonho conhecer o mundo, e não o sonho de ser mãe; a ausência da preocupação materna primária fica evidente em diversas circunstâncias: por mais que, fisicamente, ela seja uma mãe presente para Kevin, é uma mãe que não se sente alegre, feliz e realizada com a maternidade. Pelo contrário: a mãe sente um “conforto” maior no barulho de uma britadeira na rua do que no choro do filho.

Na visão winnicottiana, é possível apontar diversos conceitos para interpretações da psicopatia, bem como estágio de preocupação materna primária, *holding*, *handling* e mãe suficientemente boa. Inicialmente, existe esse estágio que é nomeado de Preocupação Materna Primária (PMP), sendo este um conceito winnicottiano que se refere ao estado psicológico da mãe no qual sua sensibilidade

em relação ao filho é pronunciada e que tem início na gestação e se estende aos primeiros meses após o parto. Nesse estágio, a mãe se adapta ao bebê, estando num estado sensível, sabendo intimamente das necessidades do filho. A mãe que desenvolve o estado de preocupação materna primária fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar. Aqui, a mãe abre mão de suas atividades, como o trabalho, de forma temporária, para dedicar-se ao bebê, e quando sentir que o mesmo consegue fazer algumas coisas sem sentir sua falta, volta à rotina. Algumas mulheres não conseguem abandonar suas atividades, e quando não desenvolvem de forma saudável se tem duas possíveis explicações: ou a mãe não entra nesse estado de preocupação materna primária, ou a mãe fica muito preocupada com o bebê, e este bebê torna-se sua preocupação patológica, de forma que a mãe se identifica com o bebê por um longo tempo (ESTEVES; ANTON; PICCININI, 2011).

Eva não desenvolve esse estágio, não se preocupando com o filho, uma vez que seu desejo se voltava para uma realização pessoal e profissional que não envolvia o filho; pelo contrário: Kevin era uma barreira para sua “realização pessoal”.

Eva também não consegue ofertar os cuidados físicos e psíquicos, sendo estes o *holding* e *handling* winnicottiano. A mãe, que no livro não acolhe o filho – através de momentos como quando Eva balança o bebê, além de não conseguir amamentá-lo – passa a representar uma figura negativa para a criança. O *holding* tem relação com a maneira como a mãe consegue identificar-se com seu bebê, o *handling* facilita uma parceria na relação psicossomática da criança, ajudando na formação do sentido do real e irreal. A apresentação de objetos dá início a capacidade do bebê de se relacionar com objetos; cabe à mãe o papel de apresentação de objetos, para ajudar a criança a conhecer mais detalhes do mundo real que existe por trás do mundo único e exclusivo criado pelo bebê. O aspecto winnicottiano de cuidado materno afirma, ainda, que a amamentação é a primeira comunicação entre a mãe e o bebê (WINNICOTT, 2013b); então, no caso de Kevin e Eva, fala-se que a mãe não consegue identificar-se com o filho, tampouco ter uma amamentação favorável, uma vez que Kevin sempre nega o seio. Consequentemente, por não conseguir desenvolver esse estágio e por não conseguir ser uma mãe suficientemente boa, Kevin se torna uma criança que chora o tempo todo, mesmo quando não é preciso ter uma atenção fisiológica. Aqui, o choro pode manifestar uma representação de socorro para a ausência do afeto materno.

A terminologia de mãe suficientemente boa apresentada por Winnicott delimita esta como sendo uma mãe que se encontra preocupada com o bem-estar do filho, proporcionando-lhe o *holding*, *handling* e um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento. Cabe salientar que esta não é uma mãe perfeita, uma vez que Winnicott mesmo fala que a perfeição é proveniente de máquinas, e esta mãe nada mais é do que humana. Na dependência absoluta, faz-se importante o *holding* e o *handling*, sendo o *holding* a sustentação corpórea e psíquica ofertada pela mãe ao bebê, e o *handling* a manipulação deste bebê, relacionada às necessidades fisiológicas e emocionais da criança. O *holding* e o *handling* remetem a confiabilidade humana (WINNICOTT, 2013a). Desta forma, se esses cuidados não forem ofertados da maneira correta ao bebê, o mesmo não confiará naquela que deveria ser a pessoa que mais deveria passar confiabilidade: sua mãe.

Logo em uma das primeiras cartas enviadas à Franklin, a falta de desejo maternal de Eva fica presente na seguinte frase:

O que deu em nós? Éramos tão felizes! Então por que motivo retiramos todas as nossas fichas e as pusemos nessa aposta ridícula de ter um filho? É claro que você considera a simples pergunta profana (SHRIVER, 2003, p. 22).

Esta é uma das falas que demonstram o quanto Kevin não foi desejado pela mãe. Percebe-se que, desde o início, Kevin e a mãe não se sentiam como “um só”, como é apontado na teoria winnicottiana, e Kevin não desenvolveu os estágios de maneira saudável: é perceptível no comportamento de Kevin um afastamento defensivo da mãe, nunca aceitando seu afeto e cuidado, enquanto que o comportamento com o pai era balizado em um falso afeto. Somente quando Kevin adoece, procura pelo afeto da mãe: aqui, pode-se interpretar que Kevin estava cansado para fingir o falso afeto e suas defesas narcísicas falharam, de forma que ele se encontrava regredido, mostrando que o único carinho que precisava era o da mãe.

Durante diversos trechos do livro, Eva, em suas cartas ao marido, expressa o quanto não queria ter um filho naquele momento. Posteriormente ela verbaliza isso para Kevin, chegando a afirmar que nem ele conseguiria conviver consigo mesmo. A partir disso, é como se fosse travado um duelo entre mãe e filho: quem conseguiria mais a atenção do pai/marido, quem era o culpado e o inocente. Em determinado trecho, Eva diz:

“A Siobhan [a babá] acha que eu deveria conversar com você”, falei com malícia, por sobre o escarcéu. “E com quem mais eu conversaria, já que você espantou a moça? Isso mesmo, você tanto berrou e vomitou que ela se foi. Qual é o seu problema, seu merdinha? Está satisfeito agora que arruinou a vida da mamãe?” (...) (SHRIVER, 2003, p. 128).

O trecho em questão mostra uma das ocasiões em que Eva verbaliza para o filho sobre o que ela, de fato, pensava dele. A preocupação da verbalização fica presente em uma fala do marido Franklin, ao ouvir o que a esposa falava:

“Eles entendem o que nós dizemos muito antes de aprender a falar”, você disse, me empurrando para o lado para pegá-lo no colo. “Não entendo como você pode ficar aí parada, vendo o nosso filho chorar.” (SHRIVER, 2003, p. 129).

Pode-se dizer que o único estágio que Kevin começou a desenvolver é o de “dependência absoluta”, mas a mãe não conseguia ajudar o filho a desenvolver-se no estágio, o que faz com que ele não tenha passado de maneira saudável pelos demais estágios. A única forma de Kevin ambigualmente odiar e amar a mãe seria através do estágio do concernimento, quando a criança pode mostrar sua agressividade, mas, por ter consciência de seus atos, se arrepende. A criança permite-se odiar e amar por saber que os pais não irão deixar de amá-la e tampouco retaliar o comportamento. Aqui, Kevin não se arrepende, e por isso, pode-se dizer que ele não realiza o concernimento, podendo apenas odiar a mãe, ao mesmo tempo em que necessita avidamente de seu olhar como uma presença, embora esta não seja necessariamente afetiva. Essa necessidade do olhar materno é representada através da concepção de dependência anaclítica, sendo esta uma representação da psicopatia, a qual o sujeito precisa de um constante olhar daquele que outrora lhe negou tal olhar e afeto, como é apontado por Bergeret (1991).

Kevin não vivenciara igualmente a etapa em que se faz presente o “objeto transicional”, necessário, como pontua Winnicott, para tolerar a passagem imaginária de um mundo narcísico interno para a realidade quando o conforto ofertado pela mãe se ausenta: até mesmo em sua adolescência, o garoto não manifestava qualquer interesse por música, filmes ou qualquer *hobbie*. Este objeto transicional funciona como uma substituição da mãe, que já não se encontra tão presente por precisar retomar sua rotina. Nesse caso, não há um objeto transicional, justamente porque não há uma mãe para substituir. Na fase de dependência relativa, a criança necessita do objeto transicional para nele depositar sua maior afeição, com intuito de possibilitar

que a angústia de crescer possa ser mais tolerada. Nesse sentido, o objeto tem o intuito de “substituir a mãe”, pois ela não estará mais tão presente como na dependência absoluta (WINNICOTT, 2013a). No caso de Kevin, não houve um bom desenvolvimento da dependência absoluta, isto porque a mãe não se encontrava preocupada com o filho, rejeitando-o, e por isso Kevin é impossibilitado de ter um bom desenvolvimento das fases futuras.

De forma geral, Kevin não nutre nenhuma preferência objetal, tendo uma organização espartana de seu quarto. O único objeto que é utilizado pelo garoto é o arco e flecha dado pelo pai. Se fosse um desenvolvimento saudável, este objeto até poderia ser um objeto transicional, mas aqui representa mais um objeto de fetiche, tanto que esta foi a arma utilizada para a chacina do colégio. Kevin, possivelmente, gosta do arco e flecha em razão de Robin Hood: quando ficara doente e aceitou o cuidado da mãe, ela lera a história repetidamente, de forma que este é o único momento em que Kevin aparenta estar afetuoso com ela. Pode-se cogitar que, talvez, a afetuosidade mostrada neste momento de adoecimento não fosse bem dirigida à mãe, mas para Robin Hood, seu anti-herói, e, a partir deste momento, sua “inspiração” para gostar de arco e flecha e, posteriormente, matar pessoas com este: nesta acepção, talvez seja lícito interpretar que a história infantil ofertara-lhe a ideia de concretizar sua vingança, instigando-lhe o que viria a ser um plano para efetivamente ter para si o olhar da mãe.

O livro dá a impressão de que Kevin planejou sua vida toda ambientada em uma encenação final que causasse remorso na mãe: aparentando ser o filho perfeito para o pai, o garoto mostra outra face em uma das partes finais do filme homônimo, quando abrem as portas da escola, o jovem sai, mas é só quando a mãe olha pra ele que o personagem sente-se o centro, o holofote, o protagonista, esbanjando um sorriso de canto de boca e rendendo-se. O objetivo de fazer a mãe sentir remorso, junto com o fato de ter matado o pai e a irmã anteriormente à chacina na escola, estava finalmente concluído, como se ele planejasse aquilo durante toda sua vida. Durante toda estória de Kevin, percebe-se um ego incapaz de se desenvolver nas etapas corretas. Uma vez que a teoria winnicottiana associa saúde quando a mente e o corpo estão em sincronia, pode-se dizer que Kevin não era saudável, já que desde criança tinha um comportamento sagaz e “adulto” para sua idade. Com este panorama, tem como hipótese etiológica a psicopatia de Kevin: a falta de desejo materno em tê-lo, o que fez com que a mãe não desenvolvesse o estado de

preocupação materna primária e, conseqüentemente, não conseguisse ofertar os cuidados físicos e psíquicos de maneira adequada.

É comum observar que, em diversos casos de psicopatia, sempre há algo escondido, velado. Isso remete à ideia de que o indivíduo não mostra quem é o tempo todo: no caso de Kevin, para o pai, ele era o filho perfeito, esportivo, que brincava com a irmã e estava sempre disposto a conversar sobre algo engraçado. Mas quem Kevin era, de fato, não era mostrado – talvez nem totalmente pra mãe; especialmente na psicopatia sempre há algo que o psicopata não permite que apareça, defendendo-se de sua angústia primitiva a partir da encenação cuidadosa.

A este conceito dá-se o nome de Sombra, que é um termo da psicologia analítica de Jung que representa este “outro lado” da personalidade, buscando um constante reconhecimento, manifestando-se como o “outro” existente no sujeito, e geralmente sendo projetada – porque é inconsciente – em outra pessoa a quem é dirigida (muitas vezes uma pessoa do mesmo sexo) uma carga afetiva negativa, de tal maneira que ela passa a ser percebida como fonte de embaraço, o receptáculo da projeção do lado negativo da personalidade que se mostra incapaz de tomar consciência de si (FRANCO, 2006).

Quando uma pessoa tenta conscientizar-se de sua sombra tem que se defrontar com as tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas as quais consegue perceber com perfeição no outro, julgando-as negativamente. Muitas vezes, tais juízos se apresentam na forma de um ato impulsivo ou inadequado, em uma situação que não tencionava criar conscientemente. A sombra torna-se mais perigosa quando não é reconhecida pelo sujeito, pois este tenta projetar suas qualidades indesejáveis no outro, deixando-se dominar pela sombra sem perceber. Por mais que haja uma consciência de si, a sombra sempre é parcial, e ninguém constitui uma totalidade “sem sombra” (FRANCO, 2006).

O arquétipo junguiano de Sombra está presente de diversas maneiras no cotidiano humano, sempre representado pela característica que o ser humano esconde: o pecado representado na dimensão religiosa, o crime representado na dimensão jurídica, sintoma na dimensão médica, o erro na ciência, e o Mal na dimensão ética. É velada, resguardada e pessoal, e geralmente se manifesta diante de situações extremas (BYINGTON, 2006).

Para esconder tais aspectos da personalidade, o sujeito se utiliza de uma atuação de si, o que Jung denomina como *Persona*: uma máscara que confere uma

identidade social, geralmente bem aceita, que configura o modo como ela se comporta perante a sociedade. A *persona* é uma faceta pública formada individualmente e adotada diante dos outros, sendo decorrente, na maioria das vezes, das expectativas que a sociedade e a família lhes impõem. Isso inclui os papéis sociais, símbolos e objetos característicos de uma profissão, o tipo de roupa escolhida e o estilo de expressão (verbal ou não-verbal), entre outros. Assim sendo, a *persona* colabora para que o indivíduo possa conviver no dia-a-dia em uma sociedade (LUNARDELLI, 2007 apud BURGO, 2010). No caso de Kevin, pode-se perceber que ele reconhecia uma parte de sua sombra – no sentido de que ele sabia o que queria, e arquitetou esse plano durante toda a vida –, mas conseguia velar esse reconhecimento sombrio de si com exatidão, exaltando a *persona* de “filho prodígio” para o pai, que o deixava, de certo modo, com a imagem de rapaz benevolente.

Apesar de possuir uma caracterização psicopática, Kevin possui uma vizinhança perversa. Nesse sentido, Queiroz (1999) aponta para o fato de que o perverso impõe o sofrimento ao Outro com intuito de obter seu próprio gozo, através de uma busca pela plenitude garantida por um prazer sem limites. A autora aponta que o perverso possui uma relação direta através desse fato de obter a satisfação através do sofrimento alheio e a necessidade de serem vistos pelo outro. Este olhar possui uma relação ainda na infância, como uma necessidade de ser visto por aquele que outrora negou-lhe o olhar.

Ao pensar em Kevin, essas características perversas ficam evidentes, uma vez que o corpo se impõe como uma forma de ser visto. Ao que concerne ao personagem, nota-se que a essa necessidade de ser visto é demandada por sua “vítima”, e aqui não caracteriza esta vítima como os colegas e os funcionários, e sim a mãe. Em uma das cenas finais do filme, quando Eva diz que ele não aparenta estar feliz, a retórica do filho se baseia em dizer “já fui alguma vez?”. Isto faz com que haja uma interpretação do ato final estar baseado apenas em aparecer para ela (faltante na vida de Kevin, que precisa de seu olhar), demarcando que o ataque é desferido contra a própria, e não necessariamente às pessoas que matou, uma vez que é um ataque um tanto quanto anaclítico.

Assim, nota-se que sua vizinhança é perversa através da necessidade de ser visto, olhado, buscado pela mãe (como é mostrado no ato final). Esta relação tênue entre psicopatia e perversão mostra que o personagem se manifesta como psicopata através do ato de matar, mas não pode ser apenas psicopata por seu gozo não se

direcionar aos colegas e funcionários mortos, e sim para o sofrimento materno de culpa, e da relação ambígua em necessitar o olhar materno – necessidade esta apresentada pelo sujeito anaclítico, seja ele perverso ou psicopata.

Nesse caso, pode-se falar que Kevin usou da negação durante sua vida, de modo a querer mostrar uma desvalorização da mãe, quando, na verdade, o que mais desejava era o olhar da mesma.

A psicopatia se expressa através de um estado de privação afetiva que o sujeito sofreu, seja porque perdeu, ou nunca houve. No caso de Kevin, o cuidado e afeto sempre lhe foram negados, garantindo a anestruturação.

4.5 O MÉDICO E O MONSTRO: A SOMBRA E A MÁSCARA SOCIAL

A análise dos personagens do livro em questão se baseia em uma expressão literária que não descreve a infância dos sujeitos, justamente por não haver conhecimento da mesma. Por isso o que vem à tona é a característica dinâmica psíquica do personagem, à despeito da explicação etiológica, dinâmica esta tornada apreensível a partir da conceituação analítica de *sombra* e *persona*. A sombra não precisa representar, necessariamente, uma necessidade instintual de matar, mas é uma possibilidade que pode surgir a partir de seu caráter individual.

Robert Louis Stevenson, o autor do livro, inspirou-se na história real de William Brodie para compor a narrativa. Brodie foi um morador de Edimburgo cuja personalidade era caracterizadamente dual: durante o dia levava uma vida pacata como importador de ébano e dirigente sindical na cidade. Contudo, durante a noite levava uma vida extremamente diferente, comandando uma gangue de delinquentes que assaltava, roubava e matava os moradores da cidade (LETRIA, 2011).

Em *O Médico e o Monstro*, o leitor é apresentado a dois personagens que atuam como polos opostos durante toda leitura: Dr. Henry Jekyll e Mr. Hyde. Dr. Jekyll é um médico de postura benevolente que se mostra como uma companhia agradável e um “bom homem”. Sua pesquisa médica é voltada para a criação de uma poção que separaria o bem do mal. Quando consegue criar a poção, Dr. Jekyll não quer arriscar a vida de alguém testando-a, então ele mesmo a toma, revelando sua face demoníaca. O livro revela, ainda, Mr. Hyde como um ajudante do Dr. Jekyll e seu protegido, descrito como um homem estranho, não tendo o rosto descrito, apenas sua maneira

e seu jeito estranho e atracado de ser, um sujeito pequeno que não garante muita simpatia das pessoas, enquanto Jekyll mostra-se bem apessoado e uma pessoa agradável de conviver, sendo conhecido entre a população.

Desde o início do livro as cenas de crime são constantes e existem fortes comparações entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde: possuem a mesma letra; a bengala utilizada em um dos assassinatos foi uma bengala que Anderson, um dos personagens, anos antes havia dado ao médico. Em determinado momento em que Jekyll resolve fazer um testamento, deixa toda sua fortuna para Mr. Hyde. Na carta em que Dr. Jekyll escreve, o mesmo conta que ele e Hyde eram a mesma pessoa.

Pode-se afirmar que a agressividade e crueldade seriam a sombra de Dr. Jekyll, extremamente resguardada e velada, já que ele, em nenhum momento, é descrito como agressivo, e somente quando o leitor é apresentado à real face do personagem é possível observá-lo de tal maneira, um sujeito que mata friamente, sendo sua *persona* representada pela imagem de médico benevolente em tempo integral; assim, como não há relatos de agressividade do médico, este é apresentado apenas como “médico”, como se não existisse o Henry Jekyll enquanto indivíduo, mas apenas o “Dr. Jekyll”, uma vez que sua imagem social é a do “bom médico”.

A partir da carta escrita por Jekyll, o leitor observa que, aos poucos, a figura do médico vai desaparecendo, prevalecendo apenas sua sombra, o monstro (Hyde) dissociado, por vezes considerado como a essência real. No seguinte trecho, fica clara a existência da sombra, mas que antes não prevalecia no indivíduo:

Sob a tensão dessa ameaça que pendia continuamente sobre mim e da insônia a que eu mesmo me condenava, sim, até mesmo além do que acreditara ser possível para um homem, me transformei em minha própria pessoa, em uma criatura devorada e esvaziada pela febre, com uma debilidade lânguida no corpo e na mente e ocupada apenas por um pensamento: o horror de meu outro eu (STEVENSON, 2011, p. 214).

Isto mostra que, mesmo que o médico lutasse e tentasse preservar seu lado como Dr. Jekyll, não conseguiria sobreviver ao seu maior inimigo: ele mesmo, independente dessa sombra chamar-se Hyde ou não.

Haikel (2013) afirma que quando o sujeito é confrontado com sua sombra lhe é mostrado também sua luz. Quando o médico percebe qual é sua sombra, que ele matou pessoas e que isto é um problema, toma consciência disso, de seus atos e sabe que aquilo não é o certo, embora isto não se configure como a “ausência de

obscuridade”. Por mais que a trama desta história não seja seguida do famigerado “final feliz”, ressalta-se a importância do reconhecimento da sombra, que, quando silenciada e esquecida, mostra-se nefasta e perigosa, ou seja, quanto menos o sujeito conhece sua sombra, mais perigosa ela se torna. Isto fica claro na medida em que a leitura acontece: inicialmente, o Dr. Jekyll se conhece apenas como um homem benevolente e sociável, e por desconhecer sua sombra, desconhece também que é capaz de cometer atrocidades, como matar friamente – o que Mr. Hyde faz sem culpa. Sendo Hyde a sombra de Jekyll, na medida em que o médico desconhece a sombra, acaba entregando-se à mesma.

É ilustrativo sinalizar o significado fonético de Mr. Hyde: em inglês, “*hide*” significa “esconder”, encaixando-se perfeitamente com o personagem: Hyde era a sombra, aquilo que Jekyll mais escondia em si e de si mesmo.

Pode-se falar que Dr. Jekyll possui uma vizinhança com a neurose, sendo o único caso, dentre as presentes análises que constituiriam um prognóstico favorável ao sujeito, uma vez que o personagem sofre e culpa-se pelo que fizera. Ey, Bernard e Brisset (1985) afirmam que a neurose causa grande angústia através da agressão por constituir-se em uma base social. A parcela neurótica é determinante para um prognóstico favorável ao sujeito que possui uma conduta psicopática, sendo uma “esperança”. Por isso, questionar qual a parcela de neurose é incluída na psicopatia é essencial para verificar se há um prognóstico positivo.

A explicação para a vizinhança da psicopatia do personagem com a neurose se dá ao fato de que a agressividade é interna no neurótico, o que causa uma angústia quando exteriorizada. Dr. Jekyll não conseguia perceber (e evitar) a agressão devido ao desconhecimento de sua sombra (Mr. Hyde), fazendo com essa sombra despertasse seu lado psicopático. O personagem não pode ser apenas neurótico devido ao fato de que houve um gozo/satisfação através do ato de matar, mesmo que não fosse completamente reconhecido pelo sujeito, de modo que essa crueldade e satisfação caracterizam a psicopatia.

Nesse caso, entende-se que Jekyll fez uso do mecanismo de projeção, de modo a concentrar em Hyde todas as características faltantes em sua imagem benevolente, que precisam ser projetadas uma vez que seria angustiante para Hyde perceber ser possuidor de tais características.

4.6 GAROTA EXEMPLAR: A *PERSONA* AMY EXEMPLAR

Jung (1999) relata que pessoas que possuem unilateralmente uma atitude externa benevolente e não agressiva – isto é, como elas se portam estritamente dentro dos padrões morais –, atuam, geralmente com um caráter malévol. Isto é perceptível no filme *Garota Exemplar* (2014), dirigido por David Fincher, no qual a personagem Amy Dunne possui a *persona* calcada na filha perfeita, a qual inspira seus pais a escreverem livros infantis baseados nesta filha sem defeitos, direcionados para crianças perfeitas. Quando cresce, Amy torna-se a esposa perfeita e amável. Contudo, ao decorrer do filme, torna-se perceptível que sua *persona* (máscara da moça benevolente) esconde, na verdade, a sombra de uma mulher cruel e sem receio de matar, quando algo não acontece como deseja.

Amy é uma personagem que poderia, facilmente, se enquadrar na psicopatia. Para isto, é importante acentuar algumas características da personagem: os pais de Amy escreviam livros que acompanhavam a vida da filha desde a infância, mas mudavam alguns fatos, como, por exemplo: a Amy “real” largou o violoncelo, enquanto a Amy “exemplar” o toca maravilhosamente – a Amy exemplar seria a *persona* de Amy Dunne, a parte perfeita que era exibida à sociedade. Os pais venderam a infância da filha através de uma personagem que seria, aos olhos sociais, perfeita.

Pode-se falar que Amy sofria da chamada carência narcísica precoce, e, mesmo sem a família estar ausente – sendo esta uma situação frequente –, esta mostra-se incapaz de ajudar a criança nas primeiras frustrações. A indulgência e severidade se manifestam frequentemente, e a criança não pode vivenciar o prazer da infância através de situações provenientes da mesma (EY; BERNARD; BRISSET, 1985).

Ao pensar em Amy, isto é perceptível pelo fato de que os pais criam uma imagem de filha perfeita, que não possui a possibilidade de deter um aspecto que não se enquadre nesta característica: mesmo que Amy Real não fizesse as coisas como a Amy Exemplar, era esta segunda a imagem que os pais passavam para os outros, ressaltando como a “conduta correta”.

Amy formou-se em psicologia e aplicava testes psicológicos em seus pacientes, além de escrever, o que a tornava uma profissional com uma exímia formação acadêmica; apesar de mostrar-se uma companhia desejável, não possuía amigos. A história é contada por dois pontos narrativos: o primeiro informa a quem assiste quem

é a Amy social, a esposa e filha perfeita, como ela desaparece e a polícia começa a investigar seu desaparecimento. Neste momento, vários aspectos de sua vida entram em contradição, como a afirmação de que Amy tinha uma melhor amiga e de que estava grávida, embora o marido Nick desmentisse ou afirmasse não saber disso, de forma que ele se torna o principal suspeito de seu desaparecimento, suspeita que só piora à medida em que os segredos são revelados através de um diário escrito por Amy.

O segundo ponto começa a mostrar a visão da Amy “real”, momento em que fica claro que a mesma armou um plano e forjou seu desaparecimento criando várias pistas falsas para incriminar o marido, como muitas compras no cartão de crédito, brigas frequentes, fingir ter uma melhor amiga pra quem relataria o suposto comportamento agressivo do marido, forjar a gravidez e inventar tudo em um diário. Não seria difícil que os últimos capítulos de sua vida a mostrassem como exemplar, e Nick, o marido, como um assassino que matou a esposa grávida, uma vez que Amy passa a mentir sobre tudo isso no diário, ressaltando sua imagem manipuladora.

Qual seria o motivo de fazer tudo isso? Como qualquer caso de psicopatia, torna-se complexo responder a respeito dos intuítos com exatidão, mas pode-se dizer que a falta de empatia por todos que a amavam era motivada pelo pensamento de que eles não significavam nada à ela; uma possível razão era que, durante toda sua vida, ela fora a Amy “exemplar”, mas decidira que não precisava mais ser; para isso, deveria assumir a sombra perversa e livrar-se de sua antiga vida. Talvez o ponto desencadeador fique mais claro quando Amy decide “vingar-se” do marido ao descobrir que o mesmo a traía.

Amy, que tinha dinheiro, foge, pinta o cabelo, passa a usar óculos e pretende começar uma nova vida, sem precisar se ater à perfeição que tanto lhe fora imposta. Ou seja, por mais que não seja possível afirmar com exatidão, uma hipótese a se considerar é de que Amy não queria mais manter uma *persona* que não lhe pertencia (não apenas com o marido, mas com os pais e os leitores de “Amy Exemplar”), e não havia empatia para com os outros capaz de fazê-la reconsiderar.

Jung (2013) salienta que, no que diz respeito à *persona* e suas qualidades externas, tudo aquilo que falta ostensivamente nessa externalidade encontra-se, enquanto potencial, na atitude interna do sujeito. Por isso, Amy, enquanto uma garota exemplar, apresenta a imagem da mulher e da esposa perfeita, da mulher perfeita e da filha boazinha, escondendo todo conteúdo mais “obscuro” e agressivo. Sua

persona é compreensível, amiga e, sem exageros, perfeita, mas quando atua seu conteúdo sombrio, apresenta tudo o que falta em sua imagem social, mostrando-se uma psicopata que arquiteta seu plano com perfeição.

Pode-se apontar para uma possível vizinhança com traços perversos da personagem a partir de algumas hipóteses: como uma pessoa anaclítica, percebe-se que Amy não teve o olhar inicial dos pais (uma vez que o olhar destes estava voltado para a hipotética filha perfeita, e não o bebê real), fazendo com que, no futuro, Amy consiga ser extremamente perversa, a ponto de manipular todos os presentes em sua vida para que acreditem que o marido havia a matado. No caso da vizinhança perversa, nota-se que Amy é capaz de possuir algumas dessas características por ter mantido uma postura de adequação social durante muito tempo.

Winnicott (2012), ao falar sobre a agressão (e aqui, esta agressão não deve ser vista apenas em uma base de agressão física), diz que a mesma pode ou não manifestar-se de maneira direta, e isto é extremamente pertinente no que diz respeito à psicopatia porque, em alguns casos, os impulsos agressivos não se manifestam de maneira direta, camuflados como seu oposto (o sujeito benevolente). Isto pode ser observado em casos como o de Amy, que representava uma imagem de “perfeita”, e por isso todos a amam. Esta aprovação social “ajuda” o psicopata a ganhar seguidores e pessoas que o admiram e defendem. No caso de Amy, todos se sensibilizam com o caso da mulher grávida, traída, amiga e filha perfeita que poderia ter sido morta pelo marido. Isso realça o poder de manipulação do psicopata. Essa caracterização winnicottiana de que os impulsos agressivos podem ser representados exteriormente de forma oposta também pode ser perceptível no caso do Dr. Jekyll, que é o completo oposto de Mr. Hyde, e até mesmo no caso de Norman Bates, que se mostra um rapaz calmo e pacato.

4.7 PSICOSE: A RELAÇÃO SIMBIÓTICA E O LADO PSICOPÁTICO

Se, por um lado, tem-se uma mãe que não se importa com as necessidades afetuosas do filho (como é o caso de Eva em “Precisamos falar sobre Kevin”), a psicopatia também pode ser provocada pelo trauma narcísico frente uma mãe que se preocupa demasiadamente com o bebê, a ponto de não se desvincular do filho pelo resto da vida, gerando uma dependência mútua. O filme “Psicose”, de Alfred Hitchcock,

possui como protagonista Norman Bates, um jovem rapaz que vive com sua mãe, Norma Bates. Juntos, moram em uma casa nos fundos de um hotel da família, nomeado Motel Bates.

No livro homônimo de Robert Bloch, o leitor é apresentado a três situações: uma jovem rouba muito dinheiro do trabalho e foge, hospedando-se no motel; a vida da família Bates; e o desfecho da história. Em termos gerais, após o furto do dinheiro de seu trabalho, Mary foge e, na fuga, se hospeda no Motel Bates. Chegando ao local, a jovem percebe um comportamento amistoso no rapaz, embora o mesmo leve uma vida peculiar e tenha hábitos pouco convencionais, como empalhar animais. Não demora para que ela perceba o quão misteriosa e raivosa a mãe de Norman, Norma, é: na mesma noite, enquanto toma banho, Mary é esfaqueada por Norma, e o filho, incrédulo, acoberta o crime da mãe. Mas quando Mary começa a ser procurada por familiares desvela-se o assassinato, e o desfecho não poderia ser mais curioso: quem matara Mary fora, na verdade, Norman, quando o mesmo vestia as roupas da mãe e colocava uma peruca. Norman não tinha consciência de que ele matara: a despersonalização faz com que ele creia que a assassina seja, na verdade, sua mãe. Esta já estava morta, e Norman guardava seu corpo mumificado em casa.

Pode-se inferir que, nesse caso, a mãe também não teve a preocupação materna primária de forma saudável: diferente da mãe de Kevin, que não a teve de modo algum, Norma preocupava-se em demasia, fazendo com que não se separasse do filho. Na dependência absoluta, seria natural que o bebê e a mãe fossem como um só, mas esta deve ser uma visão do bebê e não da mãe. Nesse caso, tamanha é a dependência anaclítica, que se torna uma dependência mútua. Na dependência absoluta o bebê está em um contato totalmente direto com a mãe, como se eles fossem a mesma pessoa, não conseguindo diferenciar o que Winnicott determina como Eu (o bebê) e Não-Eu (aquilo que lhe é externo, bem como a mãe), fazendo com que os dois estejam juntos como um só (WINNICOTT, 2013b). Nessa fase, a mãe deve ter o cuidado de ser a mãe suficientemente boa que Winnicott apresenta, para que o bebê não desenvolva alguma psicopatologia. Aqui, faz-se importante não apenas o papel da mãe suficientemente boa, mas também da família e do pai para amparar a mãe (WINNICOTT, 2013a). No caso dos Bates, só existem Norman e Norma, e não existiam mais parentes.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o estágio de dependência absoluta de Norman não foi favorável, uma vez que a mãe não passou pelo processo de

preocupação materna primária de forma saudável: ela não se desvinculou do bebê. Além disso, a mãe não trabalhou para que Norman “rumasse” à independência, não fazendo a separação do Eu e Não-Eu, e garantindo uma dependência do filho. Devido ao estágio de dependência absoluta não ter sido realizado de maneira favorável, os outros também não foram: aqui, Norman não tinha a possibilidade de “odiar” a mãe, mesmo que em um curto período de tempo: ele vivia para defendê-la.

Já na dependência relativa, a mãe tem um papel primordial de começar a ajudar o bebê a desenvolver sua independência, com finalidade de que não sejam mais uma unidade. Em um momento, ele e a mãe são um só, e, de repente, ele começa a amadurecer. Nesse processo, são importantes os chamados objetos transicionais, que são objetos nos quais o bebê tem um apego maior, com finalidade de tornar o processo de independência mais tranquilo: ele não tem a mãe em todo momento, mas pode ter um objeto (WINNICOTT, 2013a). Nessa perspectiva, a mãe de Norman não se desvinculou do filho, fazendo com que eles vivessem em completa simbiose pelo resto da vida: a mãe o protegia, não o deixava namorar, casar, e não permitia a sociabilidade ao filho. Desta forma, os dois viveram em um “mundo particular”, no qual Norman dependia da mãe para tudo.

Partindo da caracterização de infância e constituição psíquica de Norman, pode-se afirmar que ele possui uma constituição inicial com base na Psicose. Porém, ao adentrar o Édipo, a Psicopatia passa a ser desencadeada no sujeito. Essa perspectiva é explicada a partir do posicionamento de Bergeret (1991), que delimita o psicótico como um sujeito que vive um processo fusional com a mãe, de modo que ele não consegue separar-se desta e nem a mesma consegue separar-se do filho. Norman precisa da mãe, e a mãe precisa dele pelo resto da vida. Exemplo disso, é que a mãe morre, e mesmo assim ele faz uso da figura materna como uma forma de mantê-la por perto. Por outro lado, fala-se que a psicose não vê a relação objetal por uma dinâmica anaclítica, uma vez que não é “jogada a dois”, e, no caso de Norman, este passa a vivenciar esta dinâmica anaclítica ainda antes do Édipo.

A constituição do sujeito é psicótica justamente por caracterizar um trauma inicial que antecede o Édipo, momento em que a mãe deveria realizar bem a dependência absoluta, para que conseguisse se desvincular do filho. Isto não acontece, fazendo com que haja essa constituição psicótica. Bergeret (1991) afirma, ainda, que no caso da psicopatia, o narcisismo encontra-se extremamente mal

estabelecido e permanece frágil (por isso a eterna busca por agradar a mãe), constituindo a constante necessidade de compreensão, respeito, afeição e apoio.

Esta psicopatia passa a ser desencadeada no sujeito antes do período edípico, quando ele deveria vivenciar uma relação triangular natural entre mãe, pai e filho, e isto não acontece, justamente por Norman e Norma possuírem uma relação simbiótica, fazendo com que esse período constitua-se com uma dependência e extrema necessidade de olhar materno. O próprio personagem possui interesse por essa questão ao estabelecer o seguinte diálogo com a mãe:

— A psicologia nada tem de imunda, mãe!

— E chama isso de psicologia! E conhece a fundo a psicologia! Nunca me esqueci daquela vez em que me disse coisas tão indecentes — nunca. E pensar que um filho pode abordar sua própria mãe com esses assuntos!

— Mas eu só queria explicar à sra. o complexo de Édipo... Julguei que se nós ambos pudéssemos examinar juntos o problema e tentássemos compreendê-lo, talvez as coisas mudassem para melhor...

— Mudar, menino? Nada vai mudar. Pode ler todos os livros do mundo, que será sempre o mesmo. Não preciso dar ouvidos a essa algaravia obscena para saber quem é você. Até uma criança de oito anos sabe! Já naquele tempo todos sabiam... todos os seus amigos de infância já sabiam. Você é um maricas, um “filhinho de mamãe”. Era assim que lhe chamavam, é isso o que você era... Que era, e é e sempre será. O “filhinho da mamãe”, já taludo, gorducho, grandalhão!

As palavras da mãe eram pancadas de tambor ensurdecendo-o, golpes vibrados no seu próprio peito (BLOCH, 1960, p. 09).

Ao que confere à psicopatia, nota-se que Norman é um sujeito anaclítico, estando sempre em dependência desse outro, mesmo que este o humilhe. No caso do personagem, há ainda a necessidade do olhar da mãe, como se houvesse a precisão da aprovação desta em vários aspectos de sua vida – como o fato de Norman não ter uma namorada, pois nenhuma seria “boa o suficiente” para ele. Esta relação anaclítica permanece vívida e jogada a dois, não havendo “espaço” para um terceiro.

No caso do psicopata, fala-se que, primordialmente, o sujeito irá vivenciar os estados limítrofes, estando apoiado no outro e possuindo uma relação de dependência²¹ com o outro, e pode caracterizar a até mesmo instabilidade de humor, dos relacionamentos interpessoais, da imagem que o sujeito tem de si mesmo e do comportamento. Ao pensar em Norman Bates, a dependência do outro é vista como a base do livro/filme: o ato psicopático que se delimita, primordialmente, através da

²¹ Esta dependência encontra-se em forma de narcisismo, sendo esse narcisismo a forma mais primitiva do Eu, do sujeito, a qual a criança obtém prazer em si mesma ao se achar ideal para aquela que cuida dela.

dependência do outro. Tão grande era a dependência estabelecida com a mãe que Norman, literalmente, precisa usar da figura materna para conseguir realizar o ato psicopático, que se torna o ápice da história: a morte de Mary. Norman sofre, então, uma angústia narcísica, uma vez que não se sente ideal para mãe, isto sendo representado pelas retaliações e privações realizadas pela a mesma. Ele precisa estar vinculado à figura materna para conseguir realizar o ato psicopático, caso contrário, sofreria a angústia pelo ato. Bergeret (1991) afirma que, no caso da Psicopatia, o narcisismo encontra-se extremamente mal estabelecido e permanece frágil (por isso a eterna busca por agradar a mãe), constituindo a constante necessidade de compreensão, respeito, afeição e apoio.

Um ponto que defende a expressão psicopática do personagem provém, ainda, do impulso perverso, representado pelo assassinato. Bergeret (1991) fala que no arranjo perverso quando há uma ofensiva ao sexo feminino existe uma rigidez de investimentos. Afirma que o ordenamento perverso pode fazer o indivíduo “bancar o genital”, como se precisasse dessa caracterização do progenitor refletida em si. No caso de Norman, observa-se isto através da simbiose presente na relação, fazendo-o usar as vestes da mãe em alguns momentos de estopim.

Na organização perversa, a angústia depressiva encontra-se evitada devido ao êxito de uma negação focada apenas no sexo feminino. Isto explica o porquê da culpa sentida por Norman acerca da possibilidade em ter uma outra mulher em sua vida. Segundo Bergeret (1991), o ordenamento perverso situa-se próximo à linha estrutural psicótica (o que explica a vizinhança psicótica do personagem) uma vez que o perverso opera ao mesmo tempo uma negação e uma espécie de delírio, como na estrutura psicótica. A diferença é que, no ordenamento perverso, a atitude de negação e delírio limita-se ao feminino, bem como suas representações simbólicas. Nesse caso, o narcisismo primário encontra-se mal integrado, garantindo a impossibilidade de tolerar a angústia do desejo: o sujeito não “permite” ter uma terceira pessoa, e não consegue superar nem perpassar isso, fazendo com que a consequência se reflita justamente no sexo feminino: matando Mary, no caso.

Caso Norman tivesse um desenvolvimento saudável, ele poderia sentir ódio da mãe no estágio de Concernimento, sendo este um estágio em que o bebê começa a sentir-se mais consciente pela sua impulsividade instintual, apartando-se do estado no qual não se preocupava se poderia ferir alguém e preocupando-se com o resultado do impulso amoroso primitivo em si mesmo e no outro. Inicialmente, o bebê encontra-

se incompadecido e não se importa com o resultado de seus atos instintuais, mas, aos poucos, começa a surgir um sentimento de culpa e responsabilidade com relação à destrutividade inerente à impulsividade instintual. Faz-se importante que a criança, ao “destruir” a mãe, perceba que a mãe sobrevive, garantindo-lhe uma possível reparação do ato, percepção que surge a partir do momento em que a mãe consegue sustentar os afetos agressivos do bebê ao longo do tempo. Se a criança for retaliada em seu gesto espontâneo, ela ficará presa no impulso de exercer sua agressividade. É na fase do concernimento que a criança começa a perceber que ela é uma terceira pessoa na relação: aqui, a criança percebe a si e também a mãe como pessoas distintas, e, além deles dois, percebe que existe ainda o pai (MORAES, 2010).

A tendência antissocial provém de um estado de privação do sujeito, o qual perde algo que já teve, ou que nunca chegou a ter, demonstrando uma falha ambiental. Quando o sujeito “perde” significa que ele não tem mais o zelo e cuidado que antes lhe era ofertado, e quando ele não chegou a ter, compreende-se que deveria ter aquele afeto transferido ao bebê, e não tem (isto lhe é negado, de alguma forma, através do vínculo inicial mãe-bebê). Neste caso a destrutividade pode representar uma busca pela estabilidade²², pois é como uma situação de “estabilidade” quando a criança privada destrói: ela destrói e aquilo lhe “preenche”, de certo modo. Winnicott (2012) afirma que a tendência antissocial é um sinal de esperança, uma vez que ela permite um reparo, e apenas se não houver esse reparo o sujeito se encaminha para delinquência, e depois pode tornar-se um psicopata. O autor classifica como um sinal de esperança por configurar uma possível saída pra a criança que se encontra nesse estado (destruindo, cometendo pequenos furtos, etc.), e esse reparo deve ser realizado de modo a garantir um ambiente acolhedor e suficientemente bom para o indivíduo. Se o indivíduo torna-se delinquente, há uma grande dificuldade de ajuda, pois os atos (até mesmo infracionários) são maiores, e o sujeito pode pensar que não há e não quer ajuda.

No caso de Norman, é complexo pensar na possibilidade de um reparo, tendo em vista que, aparentemente, a mãe não queria separar-se do filho, tornando-os dependentes um do outro, o que não configuraria nem uma busca por ajuda. Talvez a única forma de Norman separar-se simbolicamente da mãe fosse através do cachorro que tinha – como é apresentado na série de 2013 *Bates Motel* –, onde, através dessa

²² Quando se fala em estabilidade, queremos dizer que se trata de uma estabilidade para a criança, que manifesta-se de forma velada.

relação do personagem com o animal, se configurava o amor. Contudo, este amor configurado pela inserção do terceiro componente da relação fusional Norman-Norma é “punido” quando o animal morre, levando Norman a uma tentativa de retenção do afeto através do empalhar o animal – como uma maneira de manter vívido o amor. Com o tempo, isto se tornou um hábito, e, posteriormente, Norman empalha a mãe como uma forma de mantê-la viva.

Norman vivia em uma luta interior entre raiva (não reconhecida conscientemente) com a mãe, que o castrava e não permitia que ele fosse sociável e se relacionasse, e ao dever de reprimir a revolta para atuar a personagem do rapaz benevolente, que cuidava dela e do hotel, bem como o homem prestativo, que convida Mary para entrar e conversar, mas ao reagir contra a pulsão sexual desperta nesta ocasião, a mata na mesma noite. Tal dualidade tem raízes em uma ambiguidade primitiva relacionada à mãe: a pessoa que Norman mais amava era a mesma pessoa que o trancafiava na relação fusional, em relação à qual ele desejava separar-se. E como o mesmo, defensivamente, tinha que atuar um aspecto benevolente, precisava de uma parte de si que fosse cruel e agisse contra o aspecto bom. A cisão moral só poderia ser expressa na personalidade de sua mãe, tal como um superego rígido e cruel, e desta forma, Norma assume o papel sexualmente repressor devido à incapacidade de Norman lidar com a pulsão sexual e a pulsão destrutiva que surge no momento de conscientização da repressão materna na ocasião em que conversa com Mary, punindo-a com a morte.

Percebe-se que o personagem sofre uma despersonalização, uma vez que o ego materno é indispensável, de modo a serem como um só, e esta despersonalização vem em forma da negação da realidade (acreditar que a mãe, já morta, ainda encontra-se viva), chegando até mesmo a configurar uma desrealização (uma vez que, mais do que ele acreditar que a mãe estava viva, faz com que os outros acreditem). Tamanha é a despersonalização do sujeito que o mesmo delira acerca da vivacidade da mãe, de modo a, em alguns momentos, usar as vestes da mesma e criar um diálogo entre ambos, no qual se expressa imitando a voz da mãe.

4.8 PSICOPATA AMERICANO E CRIME E CASTIGO: O OUTRO LADO DA PSICOPATIA (E DA AUSÊNCIA DELA)

Acerca da Psicopatia, é possível afirmar que nem todo psicopata irá cometer o assassinato em um ato psicopático, assim como não são todos os sujeitos que matam que são psicopatas. Partindo de um princípio de que o psicopata é aquele desprovido de empatia, uma vez que ele não será capaz de se colocar no lugar do outro, vivenciando suas alegrias e suas tristezas, e ausente de culpa ou remorso por desapontar, magoar, enganar ou até mesmo tirar a vida de alguém (SILVA, 2008), existem vários exemplos para classificar a psicopatia. Mas também existem outros pontos de referência passíveis de classificar a psicopatia: a violação dos direitos do outro, fracasso em ajustar-se às normas sociais relacionadas a comportamentos legais, tendência à falsidade, irritabilidade e agressividade, descaso pela segurança de si ou dos outros, irresponsabilidade reiterada, ausência de remorso, etc.

Por um lado, tem-se neste segundo ponto de ancoragem o caso de Patrick Bateman, personagem do livro e filme “Psicopata Americano” – livro publicado em 1991 pelo autor Bret Easton Ellis, e o filme lançado em 2000, dirigido por Mary Harron. A história gira em torno de Patrick Bateman, um jovem rico de *Wall Street* que em nada se diferencia de seus colegas de profissão. As insinuações da psicopatia se dão na impossibilidade de suportar que alguém tenha um cartão de crédito melhor que o seu, por exemplo. No decorrer do filme, Bateman insinua uma organização psicopática matando um colega de profissão, contratando prostitutas e matando-as, além de matar outras pessoas que estavam presentes em seu cotidiano, de maneira fria e prazerosa para ele. Bateman poderia, facilmente, ser o exemplo clássico de psicopata que mata se tudo não tivesse acontecido apenas em seus pensamentos.

Para a descrição e categorização do Bateman como Psicopata, à parte do ato psicopático que culmina em assassinato, faz-se uso da escala de Hare, a PCL-R, para categorizar as características presentes no mesmo; com base nesta escala se torna apreensível inferir a presença de determinadas características em Bateman.

O primeiro elemento é loquacidade e charme superficial, extremamente presentes no personagem²³ através de hábitos rotineiros. O segundo elemento

²³ Quanto a este aspecto, o charme superficial é instigado por uma preocupação baseada numa disciplina corporal tamanha, assim descrita pelo personagem: faz uma dieta balanceada e uma rigorosa rotina de exercícios; se acorda com o rosto inchado, coloca uma máscara gelada enquanto faz

corresponde à autoestima inflada, também presentes com constância, de forma que este se sente superior e melhor do que os outros em todos os âmbitos. O terceiro elemento corresponde à necessidade de estimulação/tendência ao tédio, e pode ser explicado pelo caráter sexual em ocupar-se sempre com prostitutas. O quarto elemento corresponde à mentira patológica, é proveniente, inclusive, para conseguir matar um colega de trabalho e se passar por ele em um recado. O quinto elemento corresponde ao controle/manipulação presentes com frequência no personagem, que o faz com a secretária, namorada e qualquer um que deseja matar. O sexto elemento corresponde à falta de remorso/culpa, presente em diversos pontos do filme, quando o personagem “mata” e não sente a menor culpa durante o momento em que o faz. O sétimo ponto corresponde ao afeto superficial, presente na relação com a namorada, que ele não demonstra afeto, ou é calcado na falsidade. O oitavo ponto corresponde à insensibilidade/falta de empatia, também presentes no desprezo em magoar e não compreender o outro (como acontece com um morador de rua, que ele humilha e usa da agressão, apenas pelo mesmo não ter emprego). O nono elemento corresponde ao estilo de vida parasitário, que caracteriza a vida de Bateman: um emprego que ganha milhões sem fazer praticamente nada. O décimo elemento corresponde ao frágil controle comportamental, presente constantemente pelo estresse. O décimo primeiro elemento corresponde ao comportamento sexual promíscuo: Bateman trai a noiva com uma amiga, e não se importa caso ela saiba, além das diversas prostitutas que ele contrata com frequência. O décimo segundo elemento corresponde a problemas comportamentais precoces, o que não é possível afirmar com exatidão, por não mostrar o passado do sujeito. O décimo terceiro ponto é falta de metas realísticas em longo prazo, que também não fica claro no caso do personagem. O décimo quarto elemento é impulsividade, presente na maneira como ele “mata” algumas pessoas: por impulso, às vezes planejando, às vezes não. O décimo quinto elemento é irresponsabilidade, que não fica igualmente claro. O décimo sexto elemento é falha em assumir responsabilidade, estando claro quando o personagem demonstra que não consegue assumir a responsabilidade do relacionamento, torna-se algo pelo qual

abdominais, que consegue fazer até mil; ao usar a máscara gelada, usa uma loção de limpeza profunda para limpar os poros e um gel massageador durante o banho, depois um óleo de mel e amêndoas, e no rosto, um gel esfoliante; depois aplica uma máscara facial mentolada durante dez minutos; sempre usa loção pós-barba com pouco ou nenhum álcool (pois o álcool resseca a pele do rosto e envelhece); depois um hidratante, um creme antirugas para os olhos, seguido de uma loção protetora final.

Bateman não tem cuidado, preocupação e zelo. O décimo sétimo elemento é baseado em ter muitos relacionamentos conjugais de curta duração, e talvez fique claro pelas traições e desprezo pela noiva. O décimo oitavo elemento é delinquência juvenil, e não fica claro no personagem, assim como o décimo nono elemento, que diz respeito a revogação de liberdade condicional. O vigésimo elemento é versatilidade criminal, que fica claro pelas diversas maneiras como o sujeito “mata” e, em alguns casos, arquitetada as mortes.

Ou seja, pode-se dizer que, de 20 elementos, 15 estão presentes em Patrick Bateman, e 5 não é possível afirmar (nem excluir) por não mostrar o contexto de anamnese do sujeito, que compreenderia mais acerca dos aspectos de infância e adolescência do personagem.

Ao fim do filme, fica claro que tudo não passou de lapsos desejantes do personagem: de fato, não possuía empatia pelas pessoas, mas as mortes não aconteceram. A fantasia pode ser parte da *psique* do personagem, de modo a realizar em desejo aquilo que o componente moral não permite que seja realizado. Com isso, pode-se afirmar que o personagem é psicopata por ser desprovido de qualquer tipo de carinho e empatia (até mesmo por sua noiva), manipulador, controlador, mente com frequência, não tem remorso e culpa, é superficial, insensível, promíscuo, não tem controle impulsional, não tolera frustrações e é desprovido de afeto. Embora o personagem não mate, de fato, e não realize o famigerado ato psicopático – isto é, um sujeito com todas as características descritas que mata friamente – isto não o “absolve” da classificação psicopática, justamente por todas essas características descritas, que o tornam um sujeito impulsivo, que não tolera a frustração, manipulador, controlador e que se sente alegre e realizado “matando”.

Contudo, a tomada de consciência para Bateman, quando o mesmo pensa ter matado, é angustiante, de modo que ele começa a aparentemente sentir-se mal por isso, o que configuraria uma vizinhança com a sociopatia devido à angústia pela tomada de consciência. Próxima à psicopatia, a sociopatia possui características de desprezo do outro, embora haja uma angústia ao pensar no matar, como acontece com Bateman. Contudo, Bateman não pode ser apenas sociopata, devido ao fato de reconhecer seus caracteres maldosos e possuir satisfação através do “matar”. Se ele fosse apenas um sociopata, a angústia o impediria de pensar e imaginar-se matando diversas pessoas, onde sua realização seria a partir da observação. Contudo, isto não

garantiria uma satisfação, sendo necessário imaginar, arquitetar e matar, mesmo que apenas como um desejo.

No que diz respeito ao sujeito que mata, mas não é um psicopata, a literatura russa mostra um claro exemplo sobre isso. Em 1866, Fiódor Dostoiévski publicava *Crime e Castigo* pela primeira vez. A história de Rodion Românovitch Raskólnikov, um jovem rapaz sem dinheiro, ex-estudante de direito que não sabe como prosseguir com a vida, planeja a morte de uma agiota, com intuito de ter mais dinheiro e prosseguir com sua vida. Para isto, ele planeja absolutamente tudo que envolveria o crime: a machadinha que irá usar, o dia, o momento em que irá matar. Até então, uma possibilidade para Raskólnikov não sentir-se culpado era justamente pelos comentários da senhora não serem amistosos, de ser uma pessoa rude, então há uma possibilidade de que ele pense que matá-la não fará com que ele cometa realmente um mal. E assim o faz: ele a mata, rouba as coisas rapidamente, mas um infortúnio acontece, já que a irmã da senhora aparece, fazendo com que ele a mate também.

A partir disto, Raskólnikov começa a somatizar, devido à culpa que passa a sentir por matar a jovem Lisaveta. Apenas a culpa já seria o suficiente para Raskólnikov não ser psicopata, mas ao decorrer do livro, vários acontecidos justificam isto, inclusive o fato de confessar o crime e jogar-se aos pés de Sonia, uma bondosa jovem que precisou trabalhar como prostituta para ganhar dinheiro, como a súplica final do livro, mostrando como o personagem se arrepende e sofre pelo crime. O crime seria matar, entretanto, o castigo não é, necessariamente, a prisão, mas a culpa e a luta que Raskólnikov trava consigo mesmo, fazendo com que não tenha mais paz até confessar seu crime e implorar pelo perdão.

Hare (2000, *apud* Romero et. al., 2015) afirma que há uma íntima relação entre violência e o psicopata. Patrick (2000 *apud* ROMERO et al., 2015) aponta que várias dessas características são essenciais para a inibição de condutas violentas e antissociais, tais como empatia, capacidade de estabelecer vínculos profundos, medo do castigo e sentimento de culpa. O psicopata teria essas características apequenadas ou nulas²⁴. E por isso um contraexemplo de psicopata é Raskólnikov,

²⁴ Tradução livre do seguinte trecho original: “Sin embargo, en el caso de los psicópatas criminales se ha demostrado, en forma científica, que existe una íntima relación conceptual entre la violencia y la psicopatía (Hare, 2000), ya que muchas de las características que son importantes para la inhibición de las conductas violentas y antisociales – empatía, capacidad de establecer vínculos profundos, miedo al castigo y sentimiento de culpa – se encuentran muy disminuidas o simplemente ausentes en los psicopatas (Patrick, 2000).” (ROMERO et al., 2015, p. 239).

em especial pela grande culpa remorso que sente em ter matado as mulheres. Ele teme o castigo de ser preso, entretanto, este não é o castigo apontado no título do livro, e sim o castigo de conviver com a culpa.

Essas características são constantes em Raskólnikov: empatia é o representativo da grande aflição em matar uma inocente, capacidade de estabelecer vínculos profundos é observado pela grande quantidade de pessoas com quem o personagem mantém um relacionamento amável, medo do castigo é perceptível pelo personagem só entregar-se ao término do livro e sentimento de culpa, que é manifesto como o maior castigo que sente.

Ao término do livro, o leitor, que passa por grandes oscilações ao decorrer do mesmo, chega a uma conclusão no que corresponde ao que Dostoiévski quis apontar no título do livro: de fato, o crime é matar a senhora agiota – e, sem planejar, Lisaveta –, mas o castigo vai além desta prisão. E, mais do que isso, vai bem além de quem Raskólnikov mata: se, outrora, ele pensou que poderia não se arrepender de matar a senhora, por ela não ser uma pessoa amistosa, ao fim percebe que o significado não está em matar uma pessoa “boa ou ruim”, mas na sensação do sujeito que mata, como o sentimento dele após o ato, que, no caso de Raskólnikov, é representado pelo castigo, ao ponto dele somatizar através da angústia, tornando-se um jovem doente.

Raskólnikov não poderia ser psicopata não apenas pela angústia sentida pelo personagem – esta poderia estar presente em uma vizinhança neurótica –, mas porque o personagem não obtém o prazer após o ato de matar. Desta forma, a constituição do personagem é de estrutura unicamente neurótica. No neurótico a agressividade permanece inconsciente, estando inibida, manifestando-se por vias indiretas, através de ironia, sarcasmo, implicância, amuo, condutas de ato falho, indiferença, astenia, inércia e indecisão. Para o neurótico, a agressividade não pode ser vivenciada sem a angústia, havendo procedimentos tencionados ao deslocamento, como a agressividade do irmão para todos os homens de sua idade, da mãe para todas as mulheres, a inversão, sentindo medo no lugar da agressividade, e o retorno contra si mesmo, através da autopunição (EY; BERNARD; BRISSET, 1985).

No caso de Raskólnikov não há nem uma vizinhança de uma organização psicopática – diferente de O Médico e o Monstro que constitui uma psicopatia com vizinhança neurótica –, pois em nenhum momento o personagem vivencia o gozo do

assassinato. Ele está sempre sofrendo, culpando-se e angustiando-se pelo ocorrido, e em nenhum momento sente satisfação.

No fim, o que faz desse sujeito um psicopata ou não é uma única coisa: se ele for um psicopata, não se importará em matar, humilhar ou gritar com uma pessoa, seja esta a pessoa que mais o ama ou a pessoa que mais o detesta. Mas se ele não for um psicopata, ele sentirá o remorso, a culpa, a dor e o castigo de conviver com algo que nunca será apagado, independentemente dele ter matado a melhor ou a pior pessoa do mundo. No fim, se trata de quem ele é, e dos “demônios” que terá que carregar consigo pelo resto de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se do tema da Personalidade Psicopática na Literatura e no Cinema, o presente trabalho esperou viabilizar uma nova visão para o tema da psicopatia, de modo a não limitar-se aos estereótipos de assassino, e mesmo que seja esta uma das imagens do psicopata, buscou apontar os possíveis desencadeamentos da psicopatia, de modo que, através da análise de filmes e livros, haja uma nova e melhor compreensão do tema.

Para isto, objetivou-se realizar análises de personagens cinematográficos e literários com a aneustruturação em questão (psicopatia), de modo a não classificar uma única origem e possibilidade. Utilizou-se da teoria do amadurecimento pessoal formulada por Winnicott ao situar a importância das relações primárias do bebê, acerca da qual buscou-se elucidar como a ausência da mãe suficientemente boa e a ausência da relação afetuosa na infância poderia desencadear a psicopatia. No que diz respeito a abordagem junguiana, mostrou-se como os componentes sombrios podem ser projetados na ação psicopática devido à impossibilidade de incorporação de complexos afetivos da personalidade, especialmente quando a identificação pessoal se dá estritamente pela vivência da *persona*, que pode estabelecer uma imagem social completamente oposta aos componentes recalcados do psiquismo. Com isto, pôde-se observar nas análises os perigos da sombra humana (aquilo que é escondido na pessoa), e que quando emerge de maneira catastrófica, pode representar uma atuação cruel próxima da psicopatia. No que diz respeito à teoria winnicottiana, vimos como a falta de acolhimento e afeto familiar (em especial da mãe), e até mesmo a não-separação de filho e mãe que pode desencadear a psicopatia.

A partir das diversas representações estéticas da psicopatia, pretendeu-se viabilizar a compreensão das diversas formas de manifestação psicopática, especialmente no que tange à consideração advinda do senso comum de que o psicopata seria necessariamente o assassino em série que desvela em seu ato psicopático a necessidade de aliviar a angústia e descarregar suas pulsões;

pretendeu-se salientar que o psicopata é, antes de qualquer coisa, o sujeito desprovido de afeto, empatia e cuidado com o outro.

Desta forma, demonstrou, por meio de relatos de filmes e livros, diferentes expressões psicopáticas, relacionando a análise dos personagens em questão com referenciais teóricos psicanalíticos.

Através dos relatos literários e cinematográficos, os psicopatas foram apresentados com diversas facetas, a fim de não manter uma visão de estigma sobre os mesmos, ressaltando a psicopatia expressa de várias maneiras e em vários momentos da vida do sujeito. De modo geral, as explicações sobre a psicopatia percorrem uma grande variedade de saberes teóricos. A explicação, em uma perspectiva winnicottiana, proporcionou observar como o ambiente é importante na constituição psíquica, e que a falha ambiental pode desencadear a psicopatia. A visão da psicologia analítica permite ressaltar o aspecto dinâmico da personalidade e a necessidade de uma conscientização da totalidade psíquica

Nas interpretações dos filmes e dos livros em questão, essas terminologias foram observadas a fim de mostrar as diversas formas de expressão psicopática – um ambiente inicial que sufoca, que não cuida apropriadamente, o desconhecimento de parcelas significativas de si por meio de identificações unívocas com imagens socialmente aceitas.

Conclui-se que a literatura e o cinema oferecem diversos exemplos da manifestação psicopática, e, cada vez mais, torna-se importante uma visão crítica acerca desta perspectiva, de modo a não atentar-se apenas ao mito cinematográfico. Isto porque estereótipos são facilmente criados e pouco se fala dos aspectos da psicopatia que não partilham do ato psicopático, mas que podem ser extremamente cruéis.

Torna-se importante que, cada vez mais, se possa observar o sujeito em sua finitude complexa, com expressões malévolas que intentam denigrir o outro, matando e até mesmo suprimindo sua individualidade, de acordo com as nuances do desencadeamento da psicopatia, salientando-se que, cada vez mais, este é um tema do qual se necessita estudar.

REFERÊNCIAS

Associação Psiquiátrica Americana. **Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais DSM-5**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2013.

AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. A perversão como estrutura. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** vol.6, n. 3, pp.43-69, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000300043&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Out. 2016.

AMARO, Helena. Psicopatia: Revisões e Novas Direções. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**. n.18. pp. 35-42, 2010. Disponível em: <<http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/302>>. Acesso em: 14 Out. 2016.

BERGERET, Jean. **A Personalidade Normal e Patológica**. 3. ed. Lisboa: Climepsi Editores, 1996.

BERGERET, Jean. **A Personalidade Normal e Patológica**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BERGERET, Jean. **Psicologia Patológica Teórica e Clínica**. 2 ed. Lisboa: Climepsi, 2004.

BLOCH, Robert. **Psicose**. São Paulo: Editora Exilado, 1960.

BOAMORTE, Joyce Borges. O Crime à Luz da Teoria Winnicottiana. **Psicologia.pt**. 2012. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0647>. Acesso em: 30 novembro 2015.

BRANCO, Maria Luísa. A construção da autonomia moral: a contribuição da teoria do desenvolvimento do ego de Jane Loevinger. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 25, p. 5-12, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2003000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Out. 2016.

BURGO, Vanessa Hagemeyer. O arquétipo Persona e a Preservação da Face na Conversação. **Anais** do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC, Universidade do Sul

de Santa Catarina, outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Vanessa%20Burgo.pdf>>. Acesso em: 30 Nov. 2015.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Psicopatologia Simbólica Junguiana. *In*: SAIZ, Mario Eugenio. **Psicopatologia Simbólico-Arquetípica**. Montevideu: Linear B, Prensa Médica Latinoamericana, 2006.

CALHEIROS, Mafalda Gonçalves. **Psicopatia e Perversão: Características Comuns e Diferenciais, Processo de Passagem ao Acto e ao Perfil Criminal**. 2013. 83 f. Dissertação (mestrado) em Psicocriminologia. _ ISPA – Instituto Universitário (Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), Lisboa.

CUSE; EHRIN; CIPRIANO. **Bates Motel**. Los Angeles (California) – EUA: Universal Studios, 2013.

DEMME. **O Silêncio dos Inocentes**. Bellaire (Ohio), South Bimini Island (Bahamas), Pittsburgh (Pennsylvania), Washington (District of Columbia), Quantico (Virginia), St. Louis (Missouri), McKeesport (Pennsylvania), Memphis (Tennessee), Perryopolis (Pennsylvania), Rural Valley (Pennsylvania), Canonsburg (Pennsylvania) – EUA: Orion Pictures, 1991.

DEL-BEN, Cristina Marta. Neurobiologia do Transtorno de Personalidade Anti-social. **Ver. Psiquiatr. Clín.** São Paulo, v. 32, n. 1, p. 27-36, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n1/24019.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DUHALDE, Constanza et al. El jugar en la relación madre-hijo y los procesos de simbolización en la infancia. **Anu. investig.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 18, p. 239-246, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862011000100079&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 06 Nov. 2016.

ESTEVES, Carolina Marocco; ANTON, Márcia Camaratta; PICCININI, Cesar Augusto. Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. **Psicol. Clín.** Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 75-99, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov. 2015.

EY, Henri. BERNARD, P. BRISSET, C. **Manual de Psiquiatria**. 2 ed. São Paulo: Masson, 1985.

FINCHER. **Garota Exemplar**. Cape Girardeau (Missouri), los Angeles (Califórnia) – Estados Unidos: 20th Century Fox. 2014.

FRANCO, Petra Vanessa Enke. **A Sombra**. 2006. 25 f. Dissertação (mestrado) em Psicologia Clínica. _Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

FRANCHINI, A. S. SEGANFREDO, Carmen. **As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica**. 11 ed. Artes Ofícios, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Cema Cardona; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de. Psicopatia em Homens e Mulheres. **Arq. bras. psicol.** vol.62 no.1 Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100003>. Acesso em: 09 Out. 2016.

GRAY. **Helter Skelter**. São Francisco (Califórnia) – Estados Unidos: CBS. 2004.

GREGÓRIO, Ana Rita Batista. **Narcisismo e Organização Narcísica no Filme Cisne Negro**. 2012. 51 f. Dissertação (mestrado) em Psicologia Clínica. _ISPA – Instituto Universitário (Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), Lisboa.

HAIKEL, Sigrid. A Sombra e Seus Aessos: Veredas da Alma. Lavoura Arcaica. In: MONTEIRO, Dulcinéa da Mata. **Jung e o Cinema – Psicologia Analítica Através de Filmes**. 2. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

HARRON. **Psicopata Americano**. Toronto (Ontario) – Canadá, Nova York (Nova York) – Estados Unidos: Europa Filmes. 2000.

HITCHCOCK. **Psicose**. Los Angeles (Califórnia), Gorman (Califórnia), Phonenix (Arizona), Fresno (Califórnia) – Estados Unidos: CIC e Universal Pictures do Brasil. 1960.

JUNG, C. G. **Aspectos do Drama Contemporâneo**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012a.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012b.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Natureza Humana**. São Paulo, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 Nov. 2015.

LETRIA, José Jorge. **A História Pelo Buraco da Fechadura**. Alfragide (Portugal): Sociedade Editorial, 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

MORAES, Ariadne Alvarenga de Rezende Engelberg de. Caso B: a experiência da perda do concernimento e a importância da análise. **Natureza Humana**. São Paulo, v.12, n.1, pp. 1-30, 2010. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100008>. Acesso em: 30 Nov. 2015.

MORANA, Hilda C P; STONE, Michael H; ABDALLA-FILHO, Elias. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 28, p. 74-79, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000600005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Jul. 2016.

Organização Mundial de Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PIMENTEL, Déborah. Psicopatia da Vida Cotidiana. **Estud. psicanal.** Aracaju, n. 33, p. 13-20, 2010. Disponível em:
<<http://www.cbp.org.br/psicopatiadavidacotidiana.pdf>>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

POE, Edgar Allan. **O Corvo**. [S.l.]: DarkSide Books, 2013.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

QUEIROZ, Edilene Freire de. Considerações sobre o lugar do corpo na organização perversa. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 2, n. 1, p. 116-128, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141999000100116&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Nov. 2016.

RAMSAY. **Precisamos Falar Sobre o Kevin**. Nova York (Nova York), Stanford (Connecticut) – Estados Unidos: Paris Filmes. 2012.

ROMERO, José Manuel Pozueco, et al. Psicopatología, crimen violento, cine y realidad: desmontando mitos sobre psicópatas y psicóticos. **Rev. Crim.** Bogotá, v. 57, n. 2, p. 235-251, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-31082015000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Ago. 2016.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora 1988.

SANTOS, Rocilene Otaviano dos. **Estrutura e Funções do Córtex Cerebral**. 2002. 34 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Biológicas, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2421/2/9713912.pdf>>. Acesso em: 06 Out. 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre Quatro Paredes**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

SEDEU, Ricardo de Lima. Do Inferno ao Divã: uma abordagem psicanalítica de “Jack, o Estripador” como apresentado no filme Do Inferno. **Cógitto**. Salvador, n. 14, p. 76 – 85, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792013000100015>. Acesso em: 30 Nov. 2015.

SEIXAS, Maria João de Sousa. **Associação Entre Modelo Triárquico da Psicopatia, as Emoções, a Moralidade e a Delinquência em Jovens Adultos**. 2014. 212 f. Dissertação (mestrado) em Criminologia. _Faculdade de Direito – Universidade do Porto, Lisboa.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos Falar Sobre o Kevin**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2003.

SIMANKE, R. T. Memória, Afeto e Representação: o Lugar do Projeto no Desenvolvimento Inicial da Metapsicologia Freudiana. **Olhar (CECH/UFSCar)**, n. 12-13, p. 12-40, 2005.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Perigosas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fontanar, 2008.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Editora Melhoramentos, 2011.

SUECKER, B. Sociopatia: transtorno e delinquência. **Direito e Justiça**, v. 31, p. 25-40. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/view/569>>. Acesso em: 10 Out. 2016.

VAISBERG, Tânia Maria José Aiello; MACHADO, Maria Christina Lousada. Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 29-48, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Out. 2016.

ZIDAN, Paloma Mendes; DA ROCHA, Raquel Vasques. Trauma e fragilidade narcísica nas adicções. **Analytica**. São João del-Rei: v. 3, n. 5, p. 72-100, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000200005>. Acesso em: 25 Nov. 2016.

WINNICOTT, Donald Woods. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013a.

WINNICOTT, Donald Woods. **Os Bebês e Suas Mães**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e Delinquência**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

ANEXOS

Esquema Geral da Psicogênese do Sujeito						
Idade	Fase	Tendências	Modo	Relações Objetais	Ego	Nosologia
• 0-1	• Oral I	• Sugar	• -	•Meninos e Meninas: Passividade	•Autoerotismo	•Esquizofrenia
• 2	• Oral II	• Morder Devorar	•Incorporação	•Identificação à mãe ativa; Masturbação infantil primitiva Meninos: estado pré-edipiano	•Narcisismo; Magia dos gestos	•Melancolia; Mania
•2	•Anal I	• Incorporar	•Amor parcial + incorporação	•Meninos: desejo infantil passivo; estágio pré-edipiano	•Magia das palavras	• Paranoia
•2	•Anal II	• Expulsar	• Ativo-passivo	•Menino: mais ativo Menina: mais passiva; estágio pré-edipiano	• Magia das palavras	• Paranoia
• 3	Divided Line (Complexo de Édipo)					
• 4	• Fálica	• Reter	•Amor parcial	•Menino: início do Édipo Menina: inveja do pênis	•Princípio da realidade	•Neurose Obsessiva
• 5	• Fálica	• Primado fálico	• Fálico-Castrado	• Masturbação fálica; cena primitiva; descoberta da castração; Estágio edipiano	•Formação do Superego	• Histeria
• 6	• Fálica	• -	• -	•Menino: dissolução do Édipo Menina: início do Édipo	• -	• -
7 – 10	Latência	Dessexualização	-	Inibição dos objetivos sexuais	-	-
11-12	Genital	Primado genital	Amor Objetal	Menina: descoberta da vagina	Sentimentos sociais	Saúde